



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
Jardim Rosa Elze s/n - São Cristóvão (SE) CEP 49.100-00

LILIANE COSTA ANDRADE

**CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ANÁLISE DA DIVULGAÇÃO DOS
FILMES ANTINAZISTAS NORTE-AMERICANOS NOS JORNAIS DE SERGIPE
(1942-1945)**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2019

**CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ANÁLISE DA DIVULGAÇÃO DOS
FILMES ANTINAZISTAS NORTE-AMERICANOS NOS JORNAIS DE SERGIPE
(1942-1945)**

LILIANE COSTA ANDRADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História, do Centro Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do Título de Graduação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andreza Santos Cruz Maynard (CODAP/ProfHistória/UFS)

Aos meus pais, Josefina Costa e Jadiel Andrade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, por toda confiança, pelo respeito e apoio às minhas decisões, e por nunca medirem esforços em investir na minha educação e nos meus estudos; por serem a minha base!

À minha família, em especial ao meu irmão Lucas e à tia Nete, pelo incentivo e admiração.

À minha prima Elaine, pelo encorajamento e por ter sido uma das minhas primeiras influências.

A Carol, ex-professora e amiga, que acompanha minha trajetória desde o Ensino Médio, sempre na torcida.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET História) e a todos os colegas com quem trabalhei, pelo crescimento pessoal e acadêmico; agradeço também ao FNDE pela concessão da bolsa.

Ao professor Dilton Maynard, pela oportunidade em entrar no PET História e no Grupo de Estudos do Tempo Presente, por acreditar em mim e no meu trabalho, e por ter me apresentado à vida acadêmica.

Ao professor Eduardo Pina, pelos aprendizados e experiências proporcionadas no curso de História da Arte e Meio Ambiente;

Ao atual tutor do PET História, professor Claudefranklin Monteiro, pela compreensão nos momentos de ausência nessa reta final;

A Laís Kalena, amiga que ganhei na UFS, pela parceria e por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos ao longo desses quatro anos de graduação;

À minha orientadora, professora Andreza Maynard. Obrigada pela chance de desenvolver essa pesquisa e por todo profissionalismo com o qual sempre me tratou, por ter sido tão exigente e tão humana, pelos puxões de orelha, pelos conselhos, pelo exemplo de profissional e por acreditar tanto em mim.

A Deus.

RESUMO

O presente trabalho analisa como os filmes antinazistas norte-americanos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial (19139-1945) foram divulgados nos jornais de Sergipe, entre os anos de 1942 e 1945. Esse período compreende o momento no qual estas películas hollywoodianas foram exibidas nos cinemas brasileiros, uma consequência do corte nas relações diplomáticas do país com o Eixo. Em um conflito como este, em que os meios de comunicação em massa foram amplamente empregados, o cinema teve destaque, pois, além de representar uma forma de divertimento para as pessoas e consequentemente uma boa fonte de renda, possuía um grande teor propagandístico; desta forma, a sétima arte significou para os estadunidenses uma arma de guerra no combate ao regime nazista. Em Sergipe, que viu e sentiu de perto os efeitos da batalha após os torpedeamentos aos navios mercantes nacionais pelo submarino alemão U-507, estas produções significaram, além de entretenimento, um meio pelo qual a população poderia conhecer melhor o inimigo nazista. Para tal, houve um empenho por parte dos periódicos locais a fim de divulgar a exibição destes filmes nos cinemas da capital, buscando sempre propagandeá-los de forma positiva. A partir disto, utilizamos como fontes para o desenvolvimento deste trabalho, dividido em três capítulos, as revistas *Cinearte* e *A Cena Muda*, e os jornais *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal*, *Folha da Manhã* e *A Cruzada*; além disso, nos apoiamos nas ideias de VALIM (2013) acerca da relação entre o cinema e os seus meios de comunicação; e de DE LUCA (2010) sobre o uso dos impressos como fontes históricas. Assim, foi possível concluir que houve um esforço por parte dos jornais na divulgação das películas antinazistas ao público sergipano, buscando sempre propagandeá-las de maneira positiva.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Filmes antinazistas; Sergipe; Jornais.

ABSTRACT

This academic work analyses how American Anti-Nazi movies produced during World War II (1939-1945) were announced on newspapers of Sergipe between the years of 1942 e 1945. This period comprehends the moment in which these Hollywood films were exhibited in Brazil, a consequence of the cut on diplomatic relationships between Brazil and the Axis. In a conflict like this, in which mass media was widely used, cinemas were emphasized because, aside of representing an entertainment to people and a good source of income, it was a great source of propaganda; therefore, the seventh art represented to Americans a war weapon on the combat against Nazi regime. In Sergipe, the State that experienced the effects of the battle after the bomb attack by German submarine U-507 to national merchant ships, these films represented, besides an entertainment, a way to know Nazi enemy. Local newspapers were committed to announce the exhibition of these movies in Sergipe's capital, always searching for a positive publicity. With that said, we used the magazines called *Cinearte* and *A Cena Muda*, and the newspapers called *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal*, *Folha da Manhã* and *A Cruzada* as sources to develop this academic work, divided into three parts. Besides that, we used some works of VALIM (2013) as a reference, in which he explains the connection between cinema and mass media; and also some works of DE LUCA (2010), in which he explains the use of newspapers as historical sources. That way, it was possible to conclude that there was an effort from Sergipe's Anti-Nazi newspapers to announce the movies in a way that shared a positive publicity.

Key words: World War II; Anti-Nazi movies; Sergipe; newspapers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Getúlio Vargas recebendo Douglas Fairbnks Jr.....	21
Figura 2: cartaz de divulgação do filme Alô, Amigos! (Walt Disney, 1942)	23
Figura 3: cartaz de divulgação do filme Confissões de um espião nazista (Warner Brothers/1939).....	44
Figura 4cartaz de divulgação do filme Tempestades D’Alma (Metro-Goldyn-Mayer/1940)....	46
Figura 5: cartaz de divulgação do filme O Grande Ditador (United Artists/1940)	47
Figura 6: cartaz de divulgação do filme Paris Está Chamando (Universal Pictures/1941)	48
Figura 7: cartaz de divulgação do filme O Homem que quis matar Hitler (20th Century-Fox/1940)	49
Figura 8: cartaz de divulgação do filme Casei-me com um nazista (20th Century-Fox/1940)..	51
Figura 9: cartaz de divulgação do filme Quatro Filhos (20th Century-Fox/1940).....	52
Figura 10: cartaz de divulgação do filme E as luzes brilharão outra vez ou Joana de Paris (RKO /1942).....	53
Figura 11: cartaz de divulgação do filme Noites sem lua (20th Century-Fox/1943)	54
Figura 12: cartaz de divulgação do filme Fuga (Metro-Goldyn-Mayer/1940).....	55
Figura 13: cartaz de divulgação do filme Os filhos de Hitler (RKO/ 1943)	56
Figura 14: cartaz de divulgação do filme Ser ou Não Ser (United Artists/1942).....	57
Figura 15: cartaz de divulgação do filme Casablanca (Warner Brothers/1942).....	58

SUMÁRIO

Introdução.....	9
------------------------	----------

Capítulo 1

<i>Hollywood e o Antinazismo norte-americano: a indústria cinematográfica no combate ao regime nazista</i>	<i>14</i>
--	-----------

1.1. <i>Confissões de Um Espião Nazista: rumo à forte e eficiente propaganda antinazista</i>	<i>16</i>
--	-----------

1.2. A atuação de Hollywood e a <i>Política Externa de Boa Vizinhança</i> no Brasil	19
---	----

Capítulo 2

<i>O Brasil na Segunda Guerra Mundial</i>	<i>24</i>
---	-----------

2.1. Da neutralidade ao conflito	24
--	----

2.2. Os filmes antinazistas no Brasil	28
---	----

2.3. A revista A Cena Muda e a promoção dos filmes antinazistas no Brasil.....	31
--	----

Capítulo 3

<i>A divulgação dos filmes antinazistas em Sergipe.....</i>	<i>34</i>
---	-----------

3.1. Sergipe nos anos 1940.....	34
---------------------------------	----

3.2. Os cinemas aracajuanos	36
-----------------------------------	----

3.3. A divulgação dos filmes antinazistas nos jornais de Sergipe (1942-1945).....	40
---	----

Considerações finais.....	60
----------------------------------	-----------

Referências.....	63
-------------------------	-----------

Fontes.....	65
--------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Esta monografia é resultado de uma pesquisa iniciada em junho de 2016. O contato com esta pesquisa ocorreu logo após a minha entrada no Programa de Educação Tutorial (PET História/UFS), que à época tinha como Tutor o Prof. Dr. Dilton Maynard, também responsável por me apresentar à Prof.^a Dr.^a Andreza Maynard, minha orientadora desde então. A Segunda Guerra Mundial sempre foi o tema que desejei me debruçar, antes mesmo do meu começo do curso de História; a relação cinema e história e os filmes antinazistas, porém, foi uma agradável surpresa e novidade proporcionada pela professora Andreza, especialista no tema. Assim, pensamos em um trabalho final que observasse o envolvimento destas películas no estado de Sergipe, no contexto da guerra.

Considerada o maior conflito do século XX, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) envolveu de forma direta sete poderosas potências do período, que foram divididas em dois blocos: o Eixo, composto por Alemanha, Itália e Japão; e os Aliados, composto por Inglaterra, França, União Soviética e Estados Unidos. Outros países também atuaram nos embates, de forma menos acentuada ou mais indiretamente, como é o caso do Brasil.

Diante de sua intensidade e das proporções que tomou, a II Guerra levou à mobilização de diversos setores das sociedades, que precisaram trabalhar para atender às necessidades impostas pelos combates. Neste sentido, os meios de comunicação em massa foram amplamente empregados pelos envolvidos, de forma a disseminar suas ideologias e legitimar perante a população as suas ações.

Dentre as ferramentas utilizadas, o cinema era considerado uma das mais importantes; além de seu teor propagandístico, a sétima arte também representava uma forma de entretenimento para o povo e, conseqüentemente, uma boa fonte de renda para os produtores. Neste contexto, podemos considerar que mais que uma diversão, o cinema atuou como uma arma durante a Segunda Guerra Mundial.

Naquele momento, os norte-americanos já atuavam como líderes da indústria cinematográfica no mundo. Esta realidade foi proporcionada, principalmente, pelos efeitos da I Grande Guerra (1914-1918) que atingiu diretamente a produção de países europeus, a exemplo de França e Inglaterra.

Porém, antes do início da II Guerra, o cinema estadunidense sofreu uma grande perda de seu mercado consumidor. Isso ocorreu devido à ofensiva de países sob regimes ditatoriais, como Alemanha, Itália, Espanha e Japão, que proibiram a exibição de filmes hollywoodianos em suas casas cinematográficas. Diante deste cenário, Hollywood também iniciou uma ofensiva e, em 1939, ocorreu o lançamento, pela Warner Brothers, do primeiro filme antinazista norte-americano, intitulado *Confissões de um espião nazista*. Além das razões de cunho político, é importante destacar que haviam também motivações pessoais e ideológicas que levaram muitos produtores de Hollywood a produzirem este tipo de película. Assim, podemos dizer que a Segunda Guerra Mundial começou para os EUA, ao menos no cinema, em 1939. Ou, como afirmou a revista *Cinearte* em 15 de junho 1939: “Hollywood declara guerra!”¹.

A perda de consumidores acima mencionada refletiu diretamente na relação entre os Estados Unidos e o Brasil no campo cinematográfico. Por um lado, era preciso evitar novas perdas. Por outro, havia a necessidade de combater o avanço da ideologia fascista. Neste sentido, é válido também ressaltar a relevância da *Política Externa de Boa Vizinha*² promovida pelos EUA, que objetivava angariar o apoio dos vizinhos latino-americanos para a Guerra e afastar as influências ideológicas dos países do Eixo.

Entretanto, devido à postura oficial de neutralidade adotada por Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, com relação ao conflito, os filmes que faziam propaganda contrária ao nazismo foram, inicialmente, censurados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Esta situação se modificou em 1942, quando o governo brasileiro declarou apoio aos norte-americanos, que haviam acabado de entrar no conflito ao lado dos Aliados, e cortou as relações diplomáticas que matinha com países do Eixo, em especial a Alemanha.

Tal posicionamento apresentou-se como a principal causa para que, ainda em 1942, navios brasileiros fossem torpedeados entre a costa de Bahia e Sergipe. O ataque do submarino alemão U-507 às embarcações Baependy, Aníbal Benévolo, Araraquara, Itagiba e Arará foi o estopim para que o Brasil declarasse guerra à Alemanha, Itália e Japão.

Coincidentemente, o ano de 1942 marcou o início da chegada dos filmes antinazistas norte-americanos aos cinemas brasileiros. Naquele conturbado momento, tais produções

¹ CINEARTE. Rio de Janeiro, n. 513, Jun 1939, p. 34.

² Sobre isto ver: TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

apresentavam ao povo, ainda revoltado e impactado devido aos ataques sofridos em seu território, quem era o principal inimigo nacional.

Além de apresentar aos brasileiros quem eram os nazistas, estas películas contribuíram para motivar e sensibilizar a população em prol do esforço de guerra. Todas as dificuldades enfrentadas, a exemplo do racionamento de combustível e do aumento no preço dos alimentos, eram necessárias para que os agressores nazistas fossem derrotados. Ademais, os filmes antinazistas, assim como a maioria das produções hollywoodianas, possuíam artistas de grande sucesso e enredos que agradavam ao público, atuando, desta forma, como produtos que despertavam o interesse das pessoas.

Com o episódio dos torpedeamentos, entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942, Sergipe tornou-se um dos poucos lugares no continente americano que viu e sentiu de perto os efeitos diretos do conflito. Além dos problemas cotidianos, que eram vividos por quase toda a população, tanto brasileira como de outros países, os sergipanos ainda tiveram que lidar com as consequências da agressão alemã aos navios brasileiros: a chegada de corpos, tanto de mortos como de sobreviventes nas praias, abalou a vida pacata da capital e de seus habitantes.

Diante disto, o objetivo deste trabalho é analisar como ocorreu a divulgação dos filmes antinazistas nos jornais que circularam em Sergipe entre os anos de 1942 e 1945. Desta forma, procuramos desenvolver uma leitura mais crítica acerca destes impressos, levando em consideração o jogo de interesses no qual estavam inseridos, além de contribuir para a ampliação do número de trabalhos que envolve a temática dos filmes antinazistas norte-americanos, ainda pouco explorada pela historiografia nacional.

Dentre os trabalhos existentes, destacam-se os que foram desenvolvidos por Andreza Santos Cruz Maynard. No capítulo *O Filme Confissões de um Espião Nazista e o Antinazismo nas Telas Aracajuanas* (2013), que compõe o livro *Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe*, a autora promove uma análise acerca desta película e observa como ocorreu sua chegada à cidade de Aracaju. Seguindo a mesma linha, no artigo *A Segunda Guerra Mundial nas telas: análise de filmes no Nordeste brasileiro (1939-1945)* (2014), Maynard examina, através dos jornais e das revistas que circularam no período, a atuação dos filmes norte-americanos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial nos cinemas da capital sergipana, em especial os antinazistas. Por fim, temos a obra mais importante desenvolvida pela historiadora sobre este tema, sua tese de doutorado, intitulada *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)* (2013). Nela a pesquisadora busca estudar a participação

dos filmes norte-americanos exibidos entre 1939-1945 nos cinemas aracajuanos, na produção de sentido sobre a Segunda Guerra Mundial.

As fontes utilizadas para a realização da monografia foram as revistas brasileiras especializadas em assuntos cinematográficos *Cinearte* (1939-1942) e *A Cena Muda* (1939-1942); e os jornais *Correio de Aracaju* (1942-1945), *Sergipe Jornal* (1942-1945), *Folha da Manhã* (1942-1945) e *A Cruzada* (1945), responsáveis pela divulgação da programação dos cinemas sergipanos e, conseqüentemente, das produções antinazistas. Todas as publicações das duas revistas estão disponíveis no site da Biblioteca digital das artes do espetáculo; já os jornais, uma parte está digitalizada e compõe meu acervo pessoal, e a outra pôde ser acessada na Biblioteca Pública Epifânio Dória, localizada em Aracaju. O trabalho com as fontes envolveu levantamento e fichamento de informações, classificação de acordo com as temáticas envolvidas e, por fim, análise destas.

Neste contexto, o tratamento às fontes e o desenvolvimento do trabalho foram norteados pelas ideais defendidas por Alexandre Busko Valim, acerca da relação entre o cinema e seus meios de divulgação, e por Tânia Regina de Luca, sobre os impressos como fontes históricas.

De acordo com Valim, é importante investigar os meios de comunicação que ajudaram os filmes a estabelecer certa hegemonia ou domínio cultural de instituições existentes e valores em detrimento de outros. Sendo assim, faz-se necessário perceber

como revistas populares, programas de rádio, anúncios, suplementos literários em jornais de grande circulação e outros produtos da vida cultural interpretaram as produções. Esses veículos fornecem informações valiosas sobre atitudes e tendências difundidas, até porque os públicos escolhem os filmes pelas representações em revistas, televisão, jornais, conversas e outros contatos sociais (VALIM, 2013, p. 287).

Já De Luca (2010, p. 140), nos alerta para o fato de que “o pesquisador que utiliza jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia logo, ele precisa observar as motivações que levaram à decisão da publicação do fato”. A mesma autora destaca ainda a censura aos periódicos em regimes ditatoriais, como foi o caso do Estado Novo (1937-1945). Sendo assim, é preciso atentar-se à atuação do governo brasileiro sobre estes meios de comunicação, que buscou utilizá-los para fins propagandísticos.

Neste sentido, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, nomeado *Hollywood e o Antinazismo norte-americano: a indústria cinematográfica no combate ao regime nazista*, o objetivo é observar a atuação de Hollywood durante a Segunda Guerra Mundial, tanto no sentido de produzir películas contrárias ao nazismo, como na participação na mobilização de guerra, incluindo a busca por aliados para os Estados Unidos no conflito.

Em *O Brasil na Segunda Guerra Mundial*, buscamos examinar como se deu a passagem da condição de neutralidade do país para seu envolvimento na Guerra, o que ocasionou a chegada dos filmes antinazistas norte-americanos nos cinemas brasileiros. No terceiro e último capítulo, intitulado *A divulgação dos filmes antinazistas em Sergipe*, promovemos uma análise quanto à forma como estas películas hollywoodianas foram divulgadas pelos jornais à população sergipana.

CAPÍTULO 1

Hollywood e o Antinazismo norte-americano: a indústria cinematográfica no combate ao regime nazista

Este capítulo tem como objetivo observar a atuação de Hollywood durante a Segunda Guerra Mundial, tanto no sentido de produzir películas contrárias ao nazismo, como na participação na mobilização de guerra, incluindo a busca por aliados para os Estados Unidos no conflito.

Durante a II Guerra (1939-1945) os Estados Unidos já atuavam como líderes do mercado cinematográfico mundial. Esta realidade foi ocasionada, principalmente, devido às consequências da Primeira Grande Guerra (1914-1918), que afetaram diretamente a produção de importantes indústrias cinematográficas europeias, em especial a francesa.

Foi na França que ocorreu a invenção do cinema, a partir da criação do cinematógrafo³ pelos irmãos Lumière, marcada pela exibição do curta-metragem *L'Arrivée d'un train à La Ciotat* (*A chegada do trem na estação*) no salão de um café em Paris no ano de 1895. Foi também um francês, Geroge Méliès (1861-1938), o responsável direto por importantes inovações transformações da atividade cinematográfica⁴.

O país continuou a investir no novo empreendimento e em 1902 o cinema tornou-se indústria, a partir da produção e distribuição em larga escala promovida por Charles Pathé, que à época ficou conhecido como o maior magnata da indústria cinematográfica mundial, vendendo para o mercado norte-americano, sozinho, o dobro do que vendiam as outras grandes companhias, somadas⁵. Porém, com a chegada da Primeira Guerra Mundial, Pathé foi para os Estados Unidos, retornando à França no final de 1917; encontrou um país abalado com os efeitos

³ O Cinematógrafo, criado em 1895 pelos irmãos Lumière, era uma caixa de madeira equipada com uma lente em sua parte dianteira e uma manivela do lado direito. Além de leve e compacta, a caixa era, ao mesmo tempo, filmadora, copiadora e projetor. Cf. SABADIN, Ceslo. **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 48.

⁴ Para saber mais ver: SABADIN, Ceslo. Méliès. O início do show. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 61-68.

⁵ SABADIN, Ceslo. Pathé. O Cinema vira indústria. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 73.

e conflito e um mercado cinematográfico comprometido com a produção dos estúdios cinematográficos norte-americanos⁶.

Misto de arte, tecnologia e entretenimento, o cinema, inicialmente destinado à classe trabalhadora, era visto pelas pessoas mais abastadas como uma forma grosseira, vulgar, coletiva e estúpida de diversão, apropriada apenas para crianças sem acesso à educação e para criaturas ignorantes em geral, sem condições de usufruir das belas-artes⁷. Ao longo dos anos, passou-se a se investir mais nas salas de exibição a fim de atrair esse público.

A partir dos aperfeiçoamentos executados, nas décadas de 1930 e 1940 o cinema já era concebido como uma das principais formas de entretenimento para a população de diferentes classes sociais, e os estadunidenses exerciam um domínio com relação à produção fílmica mundial.

Com a II Guerra, porém, a sétima arte adquiriu uma outra importante função. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm, o maior conflito do “breve século XX”⁸ pode ser considerado como uma guerra total⁹, isto é, todos os setores da sociedade atuam de maneira a atender as necessidades impostas pelas batalhas travadas. Nos Estados Unidos, de acordo com Sean Purdy, a luta contra as potências do Eixo demandou uma mobilização ideológica e econômica total¹⁰.

Neste sentido, os meios de comunicação em massa, em especial o cinema, que também era uma forma de diversão, atuaram de forma significativa ao longo da guerra. Conforme Wagner Pinheiro Pereira era preciso incentivar a solidariedade aos aliados e o ódio aos inimigos¹¹.

Desta forma, produtores hollywoodianos passaram a servir-se dos filmes a fim de espalhar suas ideologias políticas. Com isto, durante a Segunda Guerra Mundial o cinema estadunidense tornou-se uma arma político-ideológico na luta para o combate ao regime liderado

⁶ Os anos de 1909 a 1918 marcaram a criação de grandes estúdios norte-americanos. Dentre eles estão Universal, Paramount, Fox, United Artists e Columbia. Cf.: SABADIN, Ceslo. 1908-1918. Começam a surgir os grandes estúdios norte-americanos. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 103-126.

⁷ SEVCENKO, Nicolau. Máquinas, massas, percepções e mentes. In.: **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 59-93.

⁸ Esta foi uma definição dada pelo próprio Hobsbawm, que se justifica pelo fato de, para este historiador, o século XX ter se iniciado com a Primeira Guerra Mundial (1914) e ter terminado com a queda da União Soviética (1991).

⁹ Para saber mais ver: HOBBSAWM, Eric J. E era da guerra total. In.: **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia Das Letras, 2008, p. 29-60.

¹⁰ PURDY, Sean. O século americano. In.: KARNAL, Leandro (Org.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 221.

¹¹ PEREIRA, Wagner Pinheiro. O arsenal da democracia: Hollywood e a Segunda Guerra Mundial. In.: **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolph Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Editora Alameda, 2012, p. 609.

por Adolph Hitler por meio da produção de filmes denominados antinazistas, que foi iniciada já em 1939.

1.1. *Confissões de Um Espião Nazista*: rumo à forte e eficiente propaganda antinazista

“Hollywood declara guerra!”¹². Foi desta forma que a revista *Cinearte* anunciou aos brasileiros o início da produção do primeiro filme de propaganda antinazista norte-americano. Conforme o texto, a decisão foi após tentativas mal sucedidas por parte de Hollywood em agradar a Hitler, além da ameaça do regime do Terceiro Reich à democracia.

Dessa maneira, *Confissões de um espião nazista* foi lançado pela Warner Brothers em 27 de abril de 1939, mesmo antes da Guerra começar¹³, e representou um marco na história do cinema hollywoodiano por ter sido o primeiro filme antinazista produzido por um dos grandes estúdios norte-americanos¹⁴.

A película foi baseada em fatos reais e fala sobre a descoberta e a prisão de um círculo de espionagem nazista nos Estados Unidos. Dentre os protagonistas estão Paul Lukas como o Dr. Kassel, líder da Liga Germano-Americana que organiza a propaganda nazista nos EUA; Frances Lederer no papel de Kurt Schneider, frequentador dos comícios da Liga, onde se torna um espião nazista; e Edward G. Robison interpretando o agente do FBI Edward Renard, responsável pela investigação e desmonte da rede de espionagem¹⁵.

É válido ressaltar que haviam motivações pessoais e ideológicas por parte dos produtores hollywoodianos que os influenciaram diretamente na confecção deste tipo de filme. Os irmãos Warner, por exemplo, eram judeus¹⁶ e em 1936 o representante dos estúdios Warner Brothers em

¹² CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 513, Jun 1939, p. 34

¹³ A Segunda Guerra Mundial teve início no dia 03 de setembro de 1939, após a Inglaterra e a França declararem guerra à Alemanha em decorrência da invasão à Polônia pelas tropas nazistas dois dias antes.

¹⁴ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 158

¹⁵ Para saber mais ver: MAYNARD, Andreza Santos Cruz. “Cartaz de hoje”: filmes antinazistas em Aracaju. In.: **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 156-205.

¹⁶ O regime do Terceiro Reich possuía como uma de suas bandeiras o antissemitismo. De acordo com Adolph Hitler e seus seguidores, os judeus pertenciam a uma raça impura e eram os responsáveis pelas mazelas da Alemanha. Assim, desde a sua ascensão ao poder, em 1933, os nazistas passaram a perseguir e exterminar a comunidade judaica, tanto a que vivia na Alemanha como a dos países invadidos. Estima-se que entre 4 e 6 milhões de judeus foram assassinados durante o período em que o partido nazista esteve no poder. Este genocídio ficou conhecido como Holocausto. Para saber mais ver: EVANS, Richard. A solução final. In.: **O terceiro reich em guerra: como os**

Berlim foi morto pelos nazistas¹⁷. Certamente, estes pontos foram determinantes para o lançamento de *Confissões de um espião nazista*.

Seguindo a linha ideológica como incentivadora, um outro importante filme antinazista que também merece destaque é *O Grande Ditador*. Dirigido e protagonizado por Charles Chaplin, a película satiriza as ditaduras da Europa bem como seus líderes, em especial o regime nazista e Adolph Hitler.

É relevante destacar, ao falarmos de *O Grande Ditador*, que à época existia um documento que atuava na censura aos filmes produzidos em Hollywood. Elaborado por William Harrison Hays em 1930, o *Código de Hays*¹⁸ estabelecia uma série de normas para a produção fílmica. Assim, a fim de tentar manter longe assuntos políticos, uma das regras proibia a representação de personagens ainda vivos sem o seu consentimento. Logo, ao utilizar-se de sua arte para denunciar o regime nazista e defender suas opiniões, Chaplin desobedeceu às regras da censura através deste que é um dos grandes sucessos de sua carreira.

Após a declaração de guerra dos norte-americanos aos países do Eixo, entretanto, a situação de Hollywood no conflito alterou-se. Assim, o que antes era proibido pela censura, passou a ser incentivado pelo governo. De acordo com Andreza Maynard, o governo entendeu que os filmes mobilizavam a opinião pública sobre a Guerra e isso desencadeou uma movimentação sem precedentes para moldar o conteúdo dos filmes produzidos em Hollywood¹⁹.

Em 1942, por exemplo, a agência *Office of War Information* (OWI), criada para auxiliar os produtores hollywoodianos no sentido de trazer informações à população sobre o conflito, impôs um Manual para a Indústria fílmica. Dentre os pontos que deveriam constar nas películas estavam: o porquê de os Estados Unidos estarem lutando; quem eram os inimigos contra qual lutavam, bem como sua natureza; quais países formavam as nações unidas que buscavam combater o Eixo; necessidade do esforço de homens e mulheres no trabalho para a produção de artigos indispensáveis para manter a guerra; o que os americanos deveriam fazer dentro do país; além da dramatização com relação aos heróis que foram para a frente de batalha.

nazistas conduziu a Alemanha da conquista ao desastre (1939-1945). Tradução: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. São Paulo: Planeta, 2012, p. 255-327.

¹⁷ CRUZ, Andreza Santos. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Orgs.). **Visões do Mundo Contemporâneo** vol. 2. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013, p. 108.

¹⁸ **IDEM**, p. 105

¹⁹ **IDEM**, p.107.

A mobilização de Hollywood, porém, não ficou restrita apenas aos filmes, fossem eles antinazistas ou qualquer outro que envolvesse a Segunda Guerra em sua trama. Diversos artistas e diretores, de forma individual, também participaram do esforço necessário para a vitória dos Aliados no conflito.

Em 1942, a revista *A Cena Muda* comunicava que Douglas Fairbanks Jr. estava servindo na guarnição de um destroyer na Islandia, enquanto James Stewart servia ao exército, e o diretor John Ford havia se incorporado à marinha²⁰. Já o astro Clack Gable havia se oferecido para servir num corpo de aviação, onde foi aceito²¹.

Douglas Fairbakns Jr. chegou a declarar que “não estava pensado no cinema, pois naquele momento era mais importante servir à pátria e ganhar a guerra; e era isto que estava procurando fazer com entusiasmo”²². Além destes, outros artistas hollywoodianos serviram na mobilização de guerra, de forma mais indireta.

À época foram organizados festivais para os que se alistavam e partiam para as batalhas. Vários astros e estrelas de Hollywood marcavam presença a fim de motivar os soldados, além de trabalharem na arrecadação de dinheiro para os gastos no conflito. Alguns, inclusive, se vestiam com os uniformes oficiais; conforme Andreza Maynard, a atitude destes atores deveria servir de inspiração aos demais²³.

E ao que parece, houve uma relação de reciprocidade entre Hollywood e a Guerra. Conforme a crítica da revista *A Cena Muda*, o conflito também trouxe contribuições para a indústria cinematográfica norte-americana. Em texto publicado no dia 11 de maio de 1943, intitulado *O Cinema e a Guerra Total*, o periódico afirmou que “Hollywood deixou de ser a terra da fantasia, da mentira dourada, do sonho, para converter-se nessa arma poderosa, eficiente e nobre que estamos vendo, numa arrancada viril contra o inimigo comum”²⁴. Além disso, um leitor da revista que teve seu texto publicado ressaltava a importância da Guerra para Hollywood, dando destaque às produções dos filmes antinazistas²⁵. A partir disto é possível perceber que além de ajudar no esforço que se fazia necessário mediante o conflito, os estúdios hollywoodianos também foram beneficiados por ele.

²⁰ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 1090, Fev 1942, p. 28.

²¹ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 1111, Jun 1942, p. 9.

²² A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 1130, Nov 1942, p. 4.

²³ CRUZ, Andreza Santos. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Orgs.). **Visões do Mundo Contemporâneo** vol. 2. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013, p. 101

²⁴ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 19, Mai 1943, p. 3.

²⁵ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 15, Abr 1943, p. 9.

Assim, mesmo diante das dificuldades de acesso a matérias-primas impostas pelo conflito, Hollywood conseguiu manter seu ritmo de produção. Com isto, no dia 22 de junho de 1943 *A Cena Muda* noticiava:

A guerra ainda não conseguiu, apesar de todas as restrições e racionamentos, quebrar o entusiasmo e o ritmo de produção dos estúdios cinematográficos de Hollywood. Trabalha-se, atualmente, com a mesma regularidade que nos tempos idos de paz²⁶.

Este é mais um indício da importância dos filmes, não apenas na mobilização em prol da luta, mas também como uma forma de entretenimento para a população e, conseqüentemente, uma boa fonte de renda para os Estados Unidos durante o conflito. E apesar das restrições de alguns países europeus às produções de Hollywood, a indústria dominava os cinemas de outros com suas películas.

A perda de mercados na Europa fez com que os Estados Unidos voltassem ainda mais sua atenção sobre os países sul-americanos, em especial o Brasil²⁷. Isso porque, como destacado pela revista *Cinearte* “O Brasil continua o melhor mercado para o film americano”²⁸; a pouca produção nacional contribuiu para esta realidade. À época, de acordo com Edmundo Lys em texto publicado nesta mesma revista, os espectadores de cinema no Brasil só apreciavam filmes norte-americanos; quando se tratava de películas nacionais ou europeias, havia uma tendência à rejeição.

Desta forma, houve um empenho por parte dos Estados Unidos em estreitar ainda mais as relações com o Brasil. Os norte-americanos buscavam maiores mercados, além de aliados na luta contra o nazismo; havia também um interesse em manter a influência e o controle sobre todo o continente americano a fim de evitar que a Guerra atingisse tal território. Neste sentido, a *Política Externa de Boa Vizinhança* promovida pelo governo do então presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) teve um papel primordial e Hollywood, mais uma vez, contribuiu de forma decisiva para o bom desempenho desta proposta.

1.2. A atuação de Hollywood e a *Política Externa de Boa Vizinhança* no Brasil

A *Política de Boa Vizinhança* vigorou durante todo o mandato do presidente Franklin Delano Roosevelt, de 1933 a 1945. Tratava-se de uma estratégia encontrada pelos norte-

²⁶ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 25, Jun 1943, p. 6.

²⁷ Esta situação ocasionou o aumento considerável dos preços das entradas de cinema no Brasil, como uma forma de compensar os prejuízos dos estúdios norte-americanos. Cf.: A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 514, Jul 1939, p. 4.

²⁸ CINEARTE. Rio de Janeiro, n. 519, Set 1939, p. 7.

americanos de manter um bom relacionamento com os países da América Latina. A ideia era exercer um domínio sobre o continente americano sem precisar empregar o uso da força.

Dessa maneira, a iniciativa possuía como principais objetivos recuperar a economia estadunidense devido aos efeitos da recente Crise de 1929; combater o antiamericanismo presente nos outros países da região, a partir da difusão do *American Way of Life*; e conter a presença da Alemanha nazista na América do Sul.

Com isto, a *Política de Boa Vizinhança* atuou de forma a incentivar a solidariedade no continente americano a fim de afastar a influência não só do nazismo como também do fascismo, além de consolidar os EUA como a grande potência e como o modelo a ser seguido.

Ademais, após o início da Segunda Guerra Mundial havia uma preocupação por parte dos estadunidenses de que o conflito chegasse até o continente; para evitar que isto ocorresse era preciso que houvesse uma colaboração entre os países que compunham as Américas e as estratégias da *Política de Boa Vizinhança* também atuaram nesse sentido.

Assim, em 1940 foi criado o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), comandado por Nelson Rockefeller (1908-1979). O órgão ficou encarregado de garantir e ampliar as bases das relações comerciais entre as Américas e, posteriormente, regular, desenvolver, redistribuir, organizar e selecionar projetos de aproximação cultural entre os EUA e os Sul-Americanos²⁹.

Dentre as divisões que o OCIAA possuía, a de Imprensa e Publicações tinha como objetivo difundir informações positivas sobre os EUA e contra-atacar a propaganda do Eixo. De acordo por Antônio Pedro Tota, cultura e propaganda passaram a ser materiais tão estratégicos como qualquer outro produto³⁰. E dentre as ferramentas propagandísticas utilizadas, havia uma atenção especial de Rockefeller na aplicação do cinema³¹ quando se tratava de *Política de Boa Vizinhança no Brasil*³².

²⁹ MORAES, Isaias Albertin. Política e cinema na era da boa vizinhança (1933 - 1945). *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 1, p. 277 - 301, mar. 2015, p. 285.

³⁰ TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 53.

³¹ Havia no OCIAA uma divisão dedicada apenas à sétima arte, a Motion Picture Division (MPD), que tinha como responsável John Hay Whitney. Suas funções eram: promover a produção americana de filmes, curtas e longas, e de cinejornais sobre os Estados Unidos e as “outras Américas”, distribuindo-os por todo o hemisfério ocidental, isto é, para as Américas; produzir e estimular a produção, nos países latino-americanos, de curtas e cinejornais que poderiam ser exibidos nos Estados Unidos; combater por todos os meios o cinema produzido pelo Eixo; convencer as grandes empresas cinematográficas de que não era uma boa política distribuir filmes que transmitissem uma má impressão ou uma imagem comprometedora dos Estados Unidos. Cf.: TOTA, Antonio Pedro. Uma verdadeira “fábrica de ideologias”: office of the coordinator of inter-american affairs. In.: **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 65.

Devido a sua posição estratégica, voltada para o Oceano Atlântico, e ao fato de ser um produtor de importantes matérias-primas, além de um dos principais mercados para os norte-americanos, o Brasil representava um dos mais importantes países da América do Sul para que a Política funcionasse.

Sendo assim, Hollywood mais uma vez atuou de maneira hábil pra atender aos interesses do governo norte-americano. Os estúdios cinematográficos bem como os artistas desenvolveram no período iniciativas para que houvesse uma maior aproximação e interação entre os EUA e o Brasil.

Em 1941 o produtor executivo da 20th Century Fox, Sol Wurtzel (1890-1958), visitou o Brasil após cinco meses fazendo um tour pela América Latina. Um dos objetivos da viagem foi conhecer os gostos e os cenários naturais dos países latino-americanos, a fim de produzir filmes sobre estes.

No mesmo ano, o ator Douglas Fairbanks Jr., escolhido por Roosevelt para ser o embaixador da *Política de Boa Vizinhança* também veio ao Brasil. Na oportunidade, o artista hollywoodiano foi recepcionado pelo presidente brasileiro Getúlio Vargas.



Figura:1 Getúlio Vargas recebendo Douglas Fairbanks Jr.

Fonte: *A Cena Muda*, n. 1052, maio de 1942, p.3

De acordo com a revista *A Cena Muda*, uma das divulgadoras deste encontro, por meio de uma crônica intitulada *O Amável Embaixador*, apesar de geograficamente próximos, os países sempre estiveram em contato maior com a Europa. Porém, com a Guerra, o periódico defendia a necessidade de estas Nações se conhecerem mais a fundo, salientando a importância da visita de

Fairbanks³³, que em uma de suas entrevistas declarou que o cinema seria utilizado como uma das grandes forças no sentido de aproximar cada vez mais o povo deste continente³⁴.

Outros atores hollywoodianos também estiveram no Brasil no período; conforme noticiado pela *Cinearte* em maio 1941, “Clarck Gable, Tyrone Power, Errol Flynn, vieram despreocupadamente gosar o clima, a paisagem e as novidades – para eles um tanto silvestres – da América do Sul”³⁵. A revista faz questão de salientar a diferença da vinda destes astros, por diversão e passeio, com a de Douglas Fairbanks Jr., como embaixador da Boa Vizinhança. Porém, mesmo com objetivos distintos as iniciativas destes atores evidenciam o empenho de Hollywood em colaborar com a proposta do governo estadunidense, que se intensificou com o início da Segunda Guerra Mundial.

O oposto também ocorreu; à época a cantora Carmem Mirando foi aos EUA trabalhar em alguns filmes produzidos pela 20th Century Fox. Com isto, Carmem passou a ser uma das principais representantes do Brasil e do povo brasileiro no país vizinho.

No campo cinematográfico, o principal resultado da relação de boa vizinhança entre os Estados Unidos e o Brasil foi o filme *Alô, Amigos!* (1942). A película foi produzida pelos estúdios Disney e o próprio Walt Disney esteve à frente de sua idealização. Também no ano de 1941 o produtor foi enviado à América Latina pelo OCIAA para criar personagens animados.

Como representante do Brasil Disney criou o papagaio José Carioca, que ficou conhecido como Zé Carioca. No filme *Pato Donald* é um americano médio em visita o Brasil, onde é bem recepcionado por Zé Carioca; os dois tornam-se amigos e se entendem apesar dos idiomas. O papagaio possui penas verdes e amarelas, que remetem ao Brasil, e azul e vermelho, que remetem aos EUA, reforçando assim a solidariedade entre os dois países. Assim, ao vir ao país vizinho, Pato Donald encontra um amigo, algo valioso, em quem podia confiar³⁶.

³³ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 1052, Mai 1941, p. 3.

³⁴ CINEARTE. Rio de Janeiro, n. 547, Mai 1941, p. 44.

³⁵ CINEARTE. Rio de Janeiro, n. 557, Mai 1941, p. 5.

³⁶ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. O uso político dos personagens Disney e a propaganda Brasil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 745-766.



Figura 2: cartaz de divulgação do filme Alô, Amigos! (Walt Disney, 1942)

Fonte: < <https://filmow.com/alo-amigos-t12000/>>. Acesso em fev. 2019.

A produção foi um sucesso tanto entre o público brasileiro como entre os norte-americanos e selou a atuação do cinema norte-americano na *Política de Boa Vizinhança*, que foi extremamente importante para os Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra Mundial, na medida em que conquistou o apoio necessário do governo brasileiro durante os embates, consolidado com a saída do Brasil da condição de neutralidade no conflito quando este cortou as relações com Eixo e declarou total apoio aos estadunidenses após a ataque a Pearl Harbor.

CAPÍTULO 2

O Brasil na Segunda Guerra Mundial

Neste capítulo buscamos examinar como se deu a passagem da condição de neutralidade do país para seu envolvimento na guerra, o que ocasionou a chegada dos filmes antinazistas norte-americanos nos cinemas brasileiros.

2.1. Da neutralidade ao conflito

Nos primeiros anos da Guerra o Brasil, assim como outros países do continente americano, se manteve neutro em relação ao conflito travado na Europa. Esse posicionamento foi decidido ainda em 1939, ano em que tiveram início os combates, na I Reunião de Consulta dos Chanceleres das Repúblicas Americanas, realizada na cidade do Panamá.

Neste contexto, o Brasil negociava diretamente com os alemães, principalmente no que diz respeito ao fornecimento de matérias-primas necessárias para o esforço de guerra dos nazistas, considerando que a Alemanha era um país pobre em alguns recursos naturais. Desta forma, conforme destacado por Delmo Arguelhes, de 1933 a 1939 o comércio entre a Alemanha e a América Latina, mais especificamente Brasil e Argentina, cresceu progressivamente³⁷.

Dentre os produtos exportados do território brasileiro para a Alemanha destacam-se o algodão, que tinha um de seus usos voltado para a fabricação de uniformes, e mercadorias agrícolas. Em contrapartida, o país tinha grande interesse nos materiais bélicos alemães e nos produtos de consumo recente, como era o caso dos aparelhos de rádio.

Tal situação gerou incômodo entre os norte-americanos, que se utilizaram da *Política Externa de Boa Vizinhança* para neutralizá-la. Aproveitando-se do momento, o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, passou a negociar com ambas as partes objetivando a modernização do país. Essa ambiguidade deve-se muito ao fato de alguns membros do governo serem admiradores dos regimes fascistas, os chamados *germanófilos*, e outros, especialmente o ministro

³⁷ ARGULHES, Delmo de Oliveira. A Conferência dos Chanceleres Americanos de 1942 e o envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 117.

das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, admirarem os Estados Unidos, ficando conhecidos como *americanófilos*³⁸.

Como consequência deste posicionamento assumido por Vargas, em 1940 foi assinado um acordo entre Brasil e Estados Unidos, onde o último forneceria os fundos necessários para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Além disso, em 1941, o governo americano enviou materiais bélicos para a modernização das forças armadas brasileiras. Como retribuição, o Brasil concedeu aos estadunidenses o direito de construir bases no Nordeste do país, mais especificamente na cidade do Rio Grande do Norte, que passou a ser conhecida como *trampolim da vitória*³⁹.

Um outro setor alcançado por este posicionamento neutro do Brasil frente à Guerra foi o mercado cinematográfico. Sobre isto, Andreza Maynard afirma que a exibição de filmes produzidos no Japão, Itália e Alemanha, assim como as fitas americanas, francesas e inglesas evidenciavam a neutralidade brasileira. A autora destaca ainda a proibição de filmes norte-americanos “antinazistas” e do filme alemão “Atualidades UFA”, pela censura cinematográfica brasileira, como forma de demonstrar a neutralidade do país⁴⁰.

Esta política de neutralidade foi reforçada em 1940 com a II Reunião de Consulta dos Chanceleres das Repúblicas Americanas, que ocorreu em Havana. Neste encontro também ficou decidido que a agressão de um país de outro continente a qualquer país americano seria encarada como uma agressão a todo o continente.

Em busca de novos territórios, que serviria como fontes de matérias-primas, mão de obra barata e mercado consumidor, o Japão iniciou uma expansão pela Ásia que resultou, em dezembro 1941, no ataque da força aérea japonesa à base naval norte-americana localizada em Pearl Harbour. Este episódio foi o estopim para a entrada dos Estados Unidos na guerra, ao lado dos aliados.

O ataque ao vizinho fez com que na III Reunião de Consulta dos Chanceleres das Repúblicas Americanas, realizada em 1942 na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil saísse da condição de neutralidade com relação ao conflito e passasse a apoiar os EUA e os aliados. Tal

³⁸ **IDEM.**

³⁹ Sobre isto ver: PEDREIRA, Flávia de Sá. Causas da Guerra: o cotidiano do Trampolim da Vitória. In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 393-416.

⁴⁰ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 138.

situação desagradou os países do Eixo, especialmente a Alemanha, que autorizou o torpedeamento de navios brasileiros; assim, cinco embarcações foram atacadas entre os estados de Sergipe e Bahia⁴¹.

O primeiro navio torpedeado pelo submarino alemão U-507 foi o Baependy, no dia 16 de agosto de 1942; no mesmo dia também foram atingidos o Araraquara e o Aníbal Benévolo. Em 17 de agosto outras duas embarcações foram atacadas, o Itagiba e o Arará. Os navais eram responsáveis pelo transporte de civis, que em sua maioria não resistiram às agressões⁴².

Muitos corpos, tanto de mortos como de sobreviventes, chegaram às praias sergipanas, alterando completamente o cotidiano do estado, principalmente de sua capital Aracaju⁴³ que não estava preparada para tal acontecimento. O fato também que fez com que Sergipe se tornasse um dos poucos territórios brasileiros e americanos que viu e sentiu de forma direta os efeitos da Segunda Guerra Mundial.

A ofensiva alemã contra os navios mercantes do Brasil trouxe diversas consequências ao país, como por exemplo, a suspensão no transporte de produtos como papel, que afetou diretamente a dinâmica nas publicações de jornais e revistas e de gêneros alimentícios.

Porém, o maior efeito destes torpedeamentos foi a entrada do Brasil no combate. Após várias manifestações populares, Getúlio Vargas declarou guerra aos países do Eixo em 22 de agosto de 1942; a medida só foi concretizada em 31 de agosto a partir do Decreto de nº 10.358⁴⁴.

A participação do Brasil no conflito, na concepção dos países aliados, deveria se limitar apenas ao fornecimento de matérias-primas necessárias ao esforço de guerra. Contudo, o governo brasileiro, principalmente o presidente Getúlio Vargas e o Ministro de Guerra Eurico Gaspar

⁴¹ Além do apoio aos Aliados, a presença de tropas norte-americanos no Brasil, o rompimento das relações diplomáticas do país com a Alemanha, a prisão de espiões e o afastamento de integrantes do governo simpáticos ao Eixo também contribuiu para os torpedeamentos. Cf.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 282.

⁴² Ao todo, mais de 600 pessoas foram vítimas do ataque. Entre eles estavam homens, mulheres e crianças. Cf.: ASSIS, Raquel Anne Lima de. Sergipe, 1942 e o ataque do submarino u-507: algumas notas sobre suas vítimas. In: MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline de Alencar.; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra: Histórias de Sergipe**. Recife: EDUPE, 2016, p. 11-33.

⁴³ A cidade chegou a encenar que estava sofrendo um ataque aéreo, como forma de se preparar caso este realmente ocorresse. Além disso, outras medidas foram tomadas pelo governo devido à necessidade de um estado de guerra, a exemplo dos blackouts, que promoveram várias mudanças na vida dos sergipanos. Cf.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 521.

⁴⁴ GONÇALVES, Rogério de Amorim; NETO, Amaro Soares de Oliveira. Artilharia Brasileira na Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 285.

Dutra, desejavam que os brasileiros atuassem de forma direta, combatendo nas batalhas. Nesse caso, vale destacar que havia um interesse por parte do governo nas negociações do pós-guerra.

Para que esta atuação se concretizasse, fez-se necessário a criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, durante sua estruturação, contou com o envio de seus soldados para os EUA a fim receberem treinamento em cursos das bases militares norte-americanas. O principal objetivo era fazer com que os oficiais da FEB se familiarizassem com os métodos de combate estadunidense em substituição aos métodos franceses⁴⁵, até então empregado pelo Exército Brasileiro⁴⁶. Em Sergipe, cerca de trezentos homens compuseram a FEB. Estes foram integrados através de convocação e também de maneira voluntária⁴⁷.

Durante o recrutamento, o Estado Novo utilizou-se da propaganda como forma de reforçar a importância do alistamento militar. Conforme destacado por Karl Schuster as chamadas nos jornais apelavam ao patriotismo dos cidadãos brasileiros. O autor ainda aponta que tal propaganda buscava transformar o soldado em herói⁴⁸.

Os primeiros pracinhas enviados à luta desembarcaram em Nápoles no dia 16 de julho de 1944. Em 22 de fevereiro de 1945, todos os soldados da FEB já haviam chegado a tal destino. Os combates travados pelos brasileiros envolveram ataques contra Monte Castello e a conquista de Montese. Apesar das limitações e das dificuldades impostas por uma guerra nas proporções da Segunda Guerra Mundial, os oficiais da FEB saíram vitoriosos, derrotando as tropas italianas, com quem guerrearam.

Além da ida para a Europa para as lutas diretas, outras medidas tiveram que ser tomadas e vivenciadas pelos brasileiros em prol do esforço de guerra. Durante o período, ocorreu o racionamento de produtos básicos para a população, a exemplo do combustível. Diante disto, houve um trabalho por parte do governo no sentido de educar a sociedade para este racionamento

⁴⁵ Nesse sentido, é importante ressaltar, conforme apontado pelo historiador Marc Bloch, que os métodos de guerra dos franceses foi a principal causa para a derrota do seu Exército na Segunda Guerra Mundial, que resultou na invasão das tropas nazistas ao país. Cf.: BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

⁴⁶ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 287.

⁴⁷ OLIVEIRA, Marlíbia Raquel de. Expedicionários sergipanos: o antes de ir e o regressar da guerra. In.: MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline de Alencar.; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra: Histórias de Sergipe**. Recife: EDUPE, 2016, p. 141-174.

⁴⁸ SCHUSTER, Karl. Com que roupa eu vou para a guerra que você me convocou? Política e imprensa durante a Segunda Guerra Mundial em Pernambuco (1942-1945). In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 453-508.

e também para estimular e disciplinar a população para a produção, transformando os trabalhadores em “soldados da produção”⁴⁹.

O fim da neutralidade do Brasil frente à Guerra e a aliança com Estados Unidos, além de provocar sua ida para o conflito, o que ocasionou fortes mudanças na rotina dos brasileiros, também trouxe alterações em um dos principais locais utilizados para a sociabilidade e a diversão da população durante o período, os cinemas.

2.2. Os filmes antinazistas no Brasil

Durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945) foi criado, em dezembro de 1939, através do decreto-lei de nº 1.915 o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O comando do novo órgão ficou a cargo do sergipano Lourival Fontes. Também foram criados neste período os Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (DEIPs), que atuavam de forma mais localizada e estavam subordinados ao DIP.

O novo departamento possuía diversas funções e, dentre estas, destacam-se duas. A primeira era promover e divulgar uma boa imagem do presidente Getúlio Vargas e do regime estadonovista; a segunda era exercer uma forte censura sobre o que era veiculado entre a população. Diante disto, o DIP atuou de maneira bastante incisiva sobre os meios de comunicação, especialmente o rádio e o cinema.

Através do rádio, por exemplo, os ideólogos estadonovistas viam a possibilidade de disseminar sua doutrina com maior facilidade⁵⁰. Além disso, o veículo foi encarado como tendo um grande potencial educativo e, dentre as ferramentas possíveis ao regime, foi uma das mais importantes⁵¹.

Já no cinema, a forma encontrada pelo DIP para propagandear o governo foi por meio dos cinejornais, filmes de curta metragem. De maneira a atender o objetivo de atingir o maior de pessoas possível, o órgão estabeleceu a obrigatoriedade das casas cinematográficas em exibir o cinejornal recomendado antes de iniciar a película principal. Além dos curtas, longas-metragens

⁴⁹ **IDEM**, p. 489.

⁵⁰ MAYNARD, Dilton C. S. A radiofonia sergipana no Estado Novo. MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). **Leituras Da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p. 93.

⁵¹ **IDEM**, p. 94.

nacionais também precisavam constar na programação dos cinemas. Por causa disto, Vargas foi considerado o “pai do cinema brasileiro” (CAPELATO apud MAYNARD, 2013, p. 116).

No que diz respeito à censura, tudo o que era divulgado passava pelo crivo do DIP. Músicas, filmes, peças de teatro, notícias de jornais e entre outros, antes de chegarem a público, precisavam da autorização do órgão controlador.

Devido a esta medida e em consequência da neutralidade do Brasil frente à Segunda Guerra Mundial, os filmes de propaganda antinazista foram inicialmente censurados. Esta realidade só mudou em 1942, diante do corte das relações e da declaração de guerra do país ao Eixo. Neste momento, também houve a proibição de películas de procedência italiana, japonesa e principalmente alemã, que até o fim de 1941 chegavam com frequência aos cinemas brasileiros.

Conforme apontado por Andreza Maynard a proximidade diplomática do Brasil com os Estados Unidos e o rompimento das relações com o Eixo ocasionou a necessidade de se gerar uma concordância de ideias e opiniões acerca do inimigo externo⁵².

Diante deste cenário, os filmes antinazistas exibidos no Brasil⁵³, de acordo com as divulgações de *Cinearte*⁵⁴ *A Cena Muda*⁵⁵ foram: *Confissões de um espião nazista*; *Tempestades d'Alma*⁵⁶; *Casei-me com um nazista*⁵⁷; *Quatro Filhos*⁵⁸; *O Grande Ditador*⁵⁹; *E as luzes brilharão*

⁵² MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 207.

⁵³ Todas as informações aqui mencionadas referentes aos filmes foram coletadas das revistas *Cinearte* e *A Cena Muda* e da tese *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)*, de autoria de Andreza Maynard.

⁵⁴ Revista brasileira sobre cinema, localizada no Rio de Janeiro. Funcionou de 1926 a 1942, quando precisou suspender suas publicações devido à falta de papel, uma das consequências dos torpedeamentos aos navios brasileiros. Tinha como editores Mário Behring e Adhemar Gonzaga.

⁵⁵ Também especializada em assuntos cinematográficos, a revista sediada no Rio de Janeiro foi a primeira publicação do país a tratar sobre o tema. Manteve suas atividades de 1921 a 1955.

⁵⁶ Dirigido por Frank Borzage e produzido pela MGM (Metro-Goldwyn-Mayer) em 1940, o filme conta a história do professor judeu Roth (Frank Morgan) e de sua família, que é destruída após a ascensão de Hitler ao poder devido à perseguição promovida aos judeus. O drama, que foi exibido pela primeira vez no Brasil em março de 1942, foi considerado, em 1943, pelos leitores da revista *A Cena Muda*, após a realização de algumas apurações, o quinto melhor filme de 1942, dentre 13 filmes, e o melhor filme antinazista do mesmo ano, dentre cinco filmes.

⁵⁷ Lançado em 1940 pela 20th Century-Fox, o filme só chegou ao Brasil no ano de 1943. Foi considerado pela crítica da revista *A Cena Muda* como sendo um antinazista apreciável, que combatia o regime totalitário de frente.

⁵⁸ A película foi produzida pela 20th Century-Fox e lançada no ano 1940. Sua estreia no Brasil ocorreu em outubro de 1942. Em 1943, ocupou a terceira colocação na categoria melhor filme antinazista de 1942 nas apurações realizadas pela revista *A Cena Muda*.

⁵⁹ Reconhecido como um dos mais contundentes filmes antinazistas, *O Grande Ditador*, dirigido e protagonizado por Charles Chaplin, é uma sátira aos regimes ditatoriais da Europa, em especial o nazismo. Lançada em 1940, a produção da Universal Pictures retrata as práticas executadas pelo ditador Adenoid Hynkel, que refletiam diretamente na vida dos judeus, especialmente a do barbeiro Jewish. Tendo como gênero a comédia, o ápice do filme é o seu final, onde Chaplin profere um discurso de mais de seis minutos, que marca sua adesão ao cinema falado. A película foi exibida pela primeira vez no Brasil em agosto de 1942 e teve uma boa recepção tanto pela crítica quanto pelo público.

outra vez⁶⁰; *Fuga*⁶¹; *O homem que quis matar Hitler*⁶²; *Casablanca*⁶³; *Os filhos de Hitler*⁶⁴; *Ser ou não ser*⁶⁵; *Nossos Mortos Serão Vingados*⁶⁶; *A estranha morte de Adolf Hitler*⁶⁷; *Cinco covas no Egito*⁶⁸; *Noites sem lua*⁶⁹; e *A sétima cruz*⁷⁰.

Além da necessidade ideológica, havia um interesse por parte de Hollywood em apresentar seus filmes nas casas cinematográficas brasileiras devido ao fator econômico. Para além da perda considerável de mercado na Europa devido às proibições de Alemanha Japão e Itália, como já mencionado, também houve, na França e na Inglaterra, por exemplo, um posicionamento em defesa do cinema nacional, o que acabou limitando a entrada dos filmes estadunidenses.

A partir disto, conforme destacado pela revista *Cinearte*⁷¹, além de reduzirem os custos de seus filmes, os produtores dos estúdios hollywoodianos reconheceram que as perspectivas comerciais para o cinema americano na América do Sul eram cada vez mais importantes⁷². E

⁶⁰ O filme da RKO (Radio-Keith-Orpheum) que conta a história da invasão nazista à França, estreou no Brasil em maio de 1942. Foi considerado pela crítica de *A Cena Muda* como um dos melhores filmes antinazistas devido à perfeição do seu enredo, pela direção magistral e pela performance do elenco. Em apuração realizada pela mesma revista em 1943, a película ficou entre as 10 melhores de 1942.

⁶¹ Filme da MGM (Metro-Goldwyn-Mayer), lançado em 1940. Estreou nos cinemas brasileiros em 1942.

⁶² Lançado em 1942 e exibido pela primeira vez no Brasil em agosto do mesmo ano, a produção da 20th Century-Fox fala sobre um atirador que quando chega na Bavária antes do início da guerra, se posiciona para dar um tiro mortal em Adolf Hitler, mas é impedido por um soldado e alemão e preso. Se comparado a outros filmes antinazistas, *O homem que quis matar Hitler* não foi tão bem avaliado pela crítica de *A Cena Muda*, que o considerou como contendo alguns absurdos.

⁶³ Considerada um dos clássicos do período, a película da Warner Brothers estreou nos cinemas brasileiros em setembro de 1943. A produção foi muito bem avaliada. Prova disso é que seu diretor, Michael Curtiz, recebeu o prêmio de melhor diretor pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Na crítica brasileira o filme também obteve destaque, sendo cotado como “muito bom” pela revista *A Cena Muda*. Pelo público brasileiro, foi considerado o segundo melhor filme de 1943 com 12022 votos.

⁶⁴ O filme foi lançado em janeiro de 1943 pela RKO (Radio-Keith-Orpheum) e exibido pela primeira no Brasil em maio do mesmo ano. Foi avaliada pela crítica da revista *A Cena Muda* como sendo “muito bom” e ficou entre os melhores de 1943.

⁶⁵ Tendo como diretor o alemão Ernst Lubtisch, o longa-metragem conta a história de uma trupe de teatro polonês que veem sua capital Varsóvia sendo invadida pelas tropas nazistas e, através de suas atuações, tentam ajudar a resistência polonesa. A película de United Artists é datada de 1942, mas só chegou ao Brasil em 1943. Assim como a maioria dos filmes antinazistas, *Ser ou não Ser* também foi bem avaliado pela crítica da revista *A Cena Muda*, sendo considerado “muito bom”. Ficou entre os vinte melhores filmes de 1943 com 304 votos.

⁶⁶ O filme da Paramount foi estrado em 1942 e chegou ao Brasil em 1943.

⁶⁷ Filme na Universal Pictures, lançado em setembro de 1943 e exibido no Brasil em dezembro do mesmo ano.

⁶⁸ Produzida pela Paramount e estreada em 1943, a película chegou ao Brasil em 1944.

⁶⁹ Datado de 1943, o filme da 20th Century-Fox foi exibido no Brasil em 1944.

⁷⁰ Considerado pela crítica da revista *A Cena Muda* como um antinazista bem realizado cinematograficamente, o filme da MGM (Metro-Goldwyn-Mayer) foi cotado como “bom”. Seu lançamento ocorreu em 1944 e sua chegada ao Brasil foi em 1945.

⁷¹ CINEARTE. Rio de Janeiro, n. 510, Mai 1939, p. 7.

⁷² Uma consequência disto foi o aumento nas entradas de cinema do Brasil. Devido às perdas no mercado europeu, os americanos utilizaram-se dos mercados sul-americanos para compensarem suas perdas.

dentre os países sul-americanos, o Brasil apresentava-se como o melhor mercado para os filmes norte-americanos.

Apesar dos esforços promovidos por Getúlio Vargas em prol do cinema nacional, e até mesmo da crítica cinematográfica do país, principalmente por parte da revista *Cinearte*⁷³, o Brasil ainda era um país carente com relação à sua indústria cinematográfica. Vários motivos contribuíam para esta realidade; dentre estes estavam as limitações de produtores, diretores, artistas e técnicos; a língua portuguesa, que se constituía como uma barreira na expansão dos filmes brasileiros para o exterior; e a extensão geográfica do país e a dificuldade na comunicação⁷⁴; ademais, havia a preferência do público por filmes estrangeiros, principalmente os americanos.

Diante disto, aproveitando-se da realidade desfavorável que vivia o cinema nacional, como também do momento de revolta da população em decorrência, principalmente, dos ataques aos navios mercantes do Brasil, os norte-americanos enviaram para o país uma grande quantidade de filmes de propaganda antinazista que, em sua grande maioria, obtiveram sucesso entre o público brasileiro. Neste sentido, vale destacar o importante papel desenvolvido pela crítica cinematográfica brasileira, especialmente *A Cena Muda*, de maneira a promover estas produções. É necessário, porém, ressaltar que nem sempre a revista adotou essa postura.

2.3. A revista *A Cena Muda* e a promoção dos filmes antinazistas no Brasil

Em 1939 a revista dirigida por Gratuliano Brito e que se auto intitulava como “A mais antiga, completa e luxuosa revista cinematographica do Brasil”⁷⁵, já divulgava a produção de películas antinazistas, a exemplo de *O Grande Ditador*⁷⁶. Apesar disso, era notável o posicionamento contrário do periódico com relação a este tipo de produção.

Para *A Cena Muda*, os filmes não deveriam comportar assuntos de teor político. Alegando que o cinema era uma arte para alegrar as multidões e não para ditar-lhes ensinamentos políticos, a revista colocou-se contra ao que denominou como atual gênero de produção de Hollywood.

⁷³ A partir de 1930 a revista ganhou importância devido ao sucesso de seus primeiros números que, dentre outras coisas, continha um caráter combativo na questão da consolidação do cinema nacional e na defesa da produção de filmes realizados em estúdios brasileiros. Cf. CATELLI, Rosana Elisa. A revista *Cinearte* e o projeto de modernização cultural pelo cinema. *ALCEU*, v. 13, p. 123 a 134, jul./dez. 2012.

⁷⁴ CINEARTE. Rio de Janeiro, n.515, Jul 1939, p. 8.

⁷⁵ Essa denominação pode ser encontrada na primeira página, a de número 3, das publicações realizadas pela revista.

⁷⁶ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 930, Jan 1939, p. 26.

Numa publicação realizada em junho de 1939 há uma crônica onde, mais uma vez, é possível encontrar duras críticas ao fato de Hollywood está querendo ditar ensinamentos políticos e sociais ao invés de cumprir seu objetivo, o de divertir. Segundo o autor do texto, identificado como L. S. Marinho, quando o cinema chegava à política social ou ideológica, perdia seu caráter de divertimento para enfrentar o frio da indiferença daqueles que não rezam pela mesma cartilha⁷⁷.

Com o fim da neutralidade brasileira e, conseqüentemente, após a chegada das películas antinazistas no país, o impresso mudou completamente sua postura e suas opiniões com relação a estas produções. “Não houvesse o Brasil rompido relações com trinomio salteador de nações livres, estaríamos impedidos de admirar no cinema verdadeiras obras primas de poder moral do cinema”⁷⁸. Esta frase integra um dos primeiros textos do periódico após a adoção deste novo posicionamento.

Em completa oposição às suas publicações realizadas em 1939, onde repudiava a inserção de assuntos políticos e ideológicos nos filmes hollywoodianos, destacando que estes deveriam apenas divertir, no ano em que o Brasil entrou na Guerra, *A Cena Muda* admitiu que o conflito fez bem ao cinema visto que este, até então, “vivia ostensivamente, num desperdício de inconciente. Era divertimento sem intenções, sem objetivos maiores”⁷⁹.

A partir do ano de 1942, além de reconhecer, o periódico passou a divulgar de maneira intensa a importância do cinema como ferramenta de propaganda na Guerra. Houve também uma forte promoção dos filmes antinazistas, a nível nacional. Das mais famosas às mais discretas, todas as películas deste gênero ganharam espaço, que variava de acordo com sua repercussão, nas publicações de *A Cena Muda*.

Nas avaliações e cotações dos filmes, por exemplo, apesar de alguns nem sempre conquistarem resultados tão bons, é possível perceber que havia um cuidado por parte da crítica da revista em, mesmo destacando aspectos negativos da produção, sugerir que o público a assistisse.

Além dos vários elogios aos filmes antinazistas expressados pela revista, uma outra estratégia encontrada por ela no sentido de propagandear-los ao público brasileiro foi a organização de apurações que tinham como objetivo saber dos seus leitores quais os melhores de

⁷⁷ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 951, Jun 1939, p. 5.

⁷⁸ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n.1103, 1942, p. 26.

⁷⁹ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 1106, 1942, p. 3.

cada ano. As categorias eram: melhores filmes; melhores atores; melhores atrizes; melhores diretores; melhores musicais; melhores comédias; e melhores antinazistas.

É possível perceber o empenho do periódico em promover as películas antinazistas a partir do momento em que ele dedica uma categoria exclusiva para este tipo de filme. A partir disto, pode-se considerar que a invenção de *A Cena Muda* serviu como uma forma de gerar uma aproximação com o público, e de ter um feedback com relação ao desempenho das produções norte-americanas que buscavam combater o regime nazista entre os brasileiros frequentadores de cinema. Porém, é preciso destacar que nem todos tinham acesso à revista e, dos que tinham, nem todos participavam das apurações.

Levando em consideração o período em que o Brasil vivia, onde o DIP, conforme já informado, promovia uma censura dos meios de comunicação, é possível entender o comportamento da revista *A Cena Muda* com relação aos filmes antinazistas e a sua mudança de postura à medida em que o país saiu da sua condição de neutralidade. Desta forma, este veículo desempenhou um papel muito relevante no que diz respeito à propaganda destas películas, à medida em que elas chegavam aos cinemas brasileiros.

Assim como *A Cena Muda*, os jornais impressos dos estados, onde era possível à população encontrar, na maioria dos casos, a programação dos cinemas, também atuaram no sentido de propagandear as produções antinazistas norte-americanas. Este é o caso de Sergipe, onde estes filmes ganharam bastante destaque nos periódicos locais.

CAPÍTULO 3

A divulgação dos filmes antinazistas em Sergipe

Neste capítulo promovemos uma análise quanto à forma como os filmes antinazistas hollywoodianos foram divulgados pelos jornais de Sergipe. Desta forma, o dividimos em três partes: a primeira fala sobre o cotidiano do estado, principalmente de sua capital Aracaju, nos anos 1940; a segunda se dedica a observar o funcionamento dos principais cinemas aracajuanos; na terceira, por fim, analisamos como as produções de Hollywood contrárias ao nazismo foram divulgadas aos sergipanos por meio dos periódicos.

3.1. Sergipe nos anos 1940

Localizado no Nordeste brasileiro, Sergipe foi palco do ataque alemão a embarcações brasileiras durante a II Guerra. Sua capital, Aracaju, entre os anos 1930 e 1940 era considerada uma cidade provinciana, de hábitos simples, com laços de solidariedade que poderiam assustar a muitos hoje em dia⁸⁰. A cidade era tão pacata ao ponto de pequenos furtos receberem destaque nos noticiários. Além disso, conforme concluído por Dilton Maynard e Débora Cruz a ditadura estadonovista parece não ter atingido tão fortemente a rotina da maioria dos aracajuanos⁸¹; este cenário modificou-se consideravelmente após a entrada do Brasil na Guerra.

Naquele contexto, o principal transporte utilizado na capital sergipana, em especial pelos trabalhadores, eram os bondes. À época, existiam seis linhas em circulação, que conduziam a população a bairros como 13 de Julho, Dezoito do Forte, Santo Antônio e Siqueira Campos, o mais populoso da cidade.

Com relação à saúde, Sergipe possuía o Hospital Santa Isabel e o Cirurgia como os principais locais que prestavam atendimento aos cidadãos, ambos localizados na capital. Já no que diz respeito à educação, os colégios Tobias Barreto e Atheneu Sergipense, situados na Rua Pacatuba e na Avenida Ivo do Prado, respectivamente, apresentavam-se como dois dos mais importantes centros de ensino público no Estado.

⁸⁰ MARNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. **Dias de Luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Editora Multifoco, 2011, p. 92.

⁸¹ MARNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. **Dias de Luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Editora Multifoco, 2011, p. 87.

Os momentos de comemoração e de festejo na capital sergipana ocorriam, principalmente, no Carnaval, no São João e no Natal, sendo estes os eventos mais aguardados pelo povo. O primeiro, realizado no mês de fevereiro, ocorria em diversos ambientes da cidade, a exemplo de bares, clubes, cafés, cinemas e nas ruas⁸². No carnaval de 1943, oito meses após os torpedeamentos, foi notado uma falta de empolgação por parte dos foliões em Aracaju; no ano seguinte, a festa sofreu interferências diretas da Guerra, ao passo em que foram estabelecidas pelas autoridades aos aracajuanos normas como a proibição do uso de máscaras e da participação de nacionais dos países em guerra com o Brasil, além da proibição de canções e de fantasias que ofendessem a moral.

Assim como o carnaval, o São João, comemorado em Junho, também foi afetado em consequência da Guerra. De acordo com Caroline Barbosa, foi igualmente sentido um desânimo pela população aracajuana nos festejos, em decorrência da agressão sofrida em seu território em agosto de 1942⁸³. Apesar disto, é válido destacar que tais festas serviam como um momento de descontração para a população em meios às dificuldades impostas pelo conflito mundial.

A terceira festividade que mobilizava a capital do estado era o Natal, também responsável por uma importante movimentação da economia, através da venda de comidas, da vinda de pessoas de cidades do interior para a capital, da encomenda de roupas a alfaiates, entres outros serviços prestados para atender as necessidades da população durante a comemoração.

Para além das festas, nos anos 1940, a capital de Sergipe possuía ambientes de lazer e sociabilidade, a exemplo dos Cafés, que eram pontos chaves no cotidiano da cidade⁸⁴. No período, um dos mais famosos era o *Ponto Chic*, localizado no centro e frequentado por políticos, intelectuais, advogados e pela elite de modo geral; servia também como um ponto para reuniões de negócios. Outros locais de encontro frequentados pelos mais ricos eram os clubes, como a *Associação Atlética*, o *Continguiba Esporte Clube* e o *Clube Esportivo Sergipe*.

Em oposição a estas realidades, havia regiões na cidade mais decadentes e miseráveis, dentre elas a Rua do Bonfim, o Curral e o Beco dos Cocos, que acomodava estabelecimentos como o *Cassino Imperial* e o prostíbulo *Vaticano*, um dos principais locais de prostituição no período. Dentre os frequentadores destes recintos, principalmente o *Vaticano*, estavam pessoas

⁸² MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão, Editora UFS, 2013, p. 42

⁸³ MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline de Alencar; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra: Histórias de Sergipe**. Recife, EDUPE, 2016. p. 74.

⁸⁴ MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão, Editora UFS, 2013, p. 79.

de diferentes classes sociais, como operários, políticos, intelectuais, jogadores profissionais, jornalistas, entres outros. Para muitos, os bordéis constituíam espaços de lazer numa época de poucas opções e de limites impostos tanto pelos preços (que subiam muito), quanto pela conjuntura de um regime ditatorial⁸⁵.

Essa subida dos preços, ocasionada pela Guerra, foi, à época, uma das questões de solução mais difícil para a população aracajuana. Buscando conter esta situação, que afetava com maior intensidade os mais pobres, foi criada uma comissão de tabelamento, responsável por fiscalizar os preços em armazéns, padarias, mercados e feiras. Ainda assim, muitos produtos eram comercializados acima do preço estabelecido. Neste contexto, outra consequência do confronto para a população de Aracaju foi o racionamento de produtos básicos como a farinha de trigo, o que ocasionou a elevação do valor do pão, denominado como “pão de ouro”⁸⁶.

A respeito dos meios pelos quais a população sergipana obtinha informações sobre os acontecimentos locais, nacionais e internacionais (em especial sobre a Guerra), destacam-se o rádio⁸⁷, os jornais impressos e os cinemas, que também atuavam como um dos principais locais de entretenimento.

3.2. Os cinemas aracajuanos

Ligado à ideia de modernidade, os cinemas em Aracaju nos anos 1940 constituíam-se como uma das principais formas de lazer para a população, na medida em que possibilitavam o acesso a pessoas de diferentes classes sociais. Esta realidade era proporcionada devido aos diferentes valores cobrados pelos bilhetes, exigidos para entrada nas salas de exibição das películas.

⁸⁵ MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Crstóvão, Editora UFS, 2013, p. 86.

⁸⁶ Sobre isto ver: MAYNARD, Andreza S. C. A Guerra do “pão de ouro”: a variação dos preços de alimentos em Aracaju (1939-1945). In: MAYARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline de Alencar; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra: Histórias de Sergipe**. Recife, EDUPE, 2016. p. 120-140.

⁸⁷ No período, o rádio foi uma das ferramentas mais importantes para regime do Estado Novo, que o encarava como detentor de um potencial educativo. Em Sergipe, a criação de uma rádio difusora, a Aperipê, ocorreu em 1936 e sua efetiva concessão se deu no ano de 1939. A programação da PRJ-6 compreendia ampla carga de discursos, palestras sobre a capital e o estado, além da exaltação a personalidades, em especial a Vargas, e ao governo estadonovista. Cf.: MARNARD, Dilton C. S. A radiofonia sergipana no Estado Novo. MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Crstóvão, Editora UFS, 2013, p. 91-114.

Os preços dos bilhetes variavam de acordo com o horário do filme; normalmente, as *matinéas*, programações executadas no período da manhã, possuíam as menores taxas, enquanto as *soirées*, que se iniciavam às 19h30 min, contavam com cobranças mais elevadas. No *Cine Vitória*, por exemplo, para os dias considerados normais, os ingressos custavam Cr\$ 3,00 para as poltronas e 2,00 Cr\$ para o balcão durante a *soirée*; já nas *matinéas*, as poltronas custavam 2,00 Cr\$ e o balcão 1,00 Cr\$⁸⁸.

Um outro fator que levava à diferenciação no valor pago pelos bilhetes eram os espaços ocupados dentro das salas de exibição dos filmes; à época, os cinemas aracajuanos possuíam as “cadeiras” e as “gerais”. Com preços mais elevados, as “cadeiras” localizavam-se mais próximas à tela, ofereciam maior conforto e, conseqüentemente, eram utilizadas por uma parcela do público que possuía condições melhores. Em contrapartida, as “gerais”, que detinham preços mais em conta, situavam-se acima das cadeiras e eram frequentadas por pessoas com um poder aquisitivo menor. Além de propiciar um instante de descontração, ir ao cinema também se apresentava como uma ocasião oportuna para a sociabilidade. Era um momento para reencontrar pessoas, vestir novas roupas, mostrar-se perante a sociedade.

Ademais, em um período onde a ditadura estadonovista exercia um forte controle, os cinemas proporcionavam às pessoas oportunidades para desobedecer às ordens. De acordo com Andreza Maynard, alguns aracajuanos utilizavam a escuridão do cinema para extravasar sua liberdade⁸⁹. A autora destaca ainda que, em decorrência deste mal comportamento, que ocorria principalmente nas “gerais”, passou-se a se exigir a presença de uma autoridade policial durante as exibições cinematográficas de cinemas como o *Rio Branco*, frequentado pela alta sociedade da época⁹⁰.

Estas ocorrências eram tratadas com tanta insatisfação que, em uma de suas publicações, o jornal *O Nordeste* divulgou um texto de José Ignácio Marinho onde ele narra o que chamou de “desrespeito ao hino nacional” durante uma sessão cinematográfica. Segundo o relato, houve um barulho muito grande ao longo da reprodução do hino antes da sessão iniciar, bem como no final, momento em que várias pessoas foram embora antes do término da música. Além disso, Marinho

⁸⁸ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 86.

⁸⁹ IDEM, p. 95.

⁹⁰ IDEM, p. 94.

se queixava de pessoas que se mantiveram de chapéu ao longo da exibição da película, o que ele considerou o cúmulo da falta de respeito⁹¹.

Apesar das represálias e das tentativas de manutenção das regras nos cinemas, “quando as luzes se apagavam, homens e mulheres tornavam-se anônimos. E nem mesmo os policiais e funcionários dos órgãos de censura conseguiam conter a desordem”⁹².

No período, a capital sergipana possuía cinco cinemas, que também eram chamados cineteatros⁹³; estes eram o *Cine Rio Branco*, *Cine Rex*, *Cine Gurany*, *Cine São Francisco* e *Cine Vitória*. O primeiro, como já mencionado, recebia constantemente um público mais elitizado. Isto se deve, principalmente, devido à sua localização privilegiada. Situado na Rua João Pessoa e administrado por Juca Barreto, o *Rio Branco* era um dos mais antigos cinemas de Aracaju, atuando desde a década de 1910.

Também localizado no Centro da cidade, mais especificamente na Rua Pacatuba, o *Cine Rex* era administrado por Anísio Dantas e passou a atuar em Aracaju em 1935. Nos anos 1940 fora transferido para a rua Itabaianinha⁹⁴. Considerado como o mais elegante, o *Cine Guarany* foi inaugurado em 1938, tinha como administrador Augusto Luz, e localizava-se à Rua Estância, região menos nobre em comparação com a do *Rio Branco* e do *Rex*. Conforme destacado por Andreza Maynard, o estabelecimento provocou uma maior valorização da localidade e firmou-se como um dos mais importantes da cidade⁹⁵.

Mais afastado da região central, situado na Colina do Santo Antônio, o *Cine São Francisco* também foi inaugurado no de 1938. Pertencia à Ordem Terceira de São Francisco e era administrado por frades franciscanos alemães⁹⁶. Assim como o *São Francisco*, o *Cine Vitória* também estava vinculado à administração da Igreja Católica. Mais novo dos cinco, o cinema só foi aberto em 1943; estava localizado na rua Itabaianinha.

⁹¹ O NORDESTE. Aracaju, 26 Set 1939, p. 3.

⁹² MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 98.

⁹³ Os cinemas eram denominados desta forma pois possuíam um palco na sala de exibição dos filmes. Inicialmente as projeções eram realizadas em teatros, que estendiam uma tela sobre o palco para esta finalidade. A combinação entre o cinema e o teatro seguiu pelas primeiras décadas do século XX. Cf.: IDEM, p. 88.

⁹⁴ IDEM, p. 83.

⁹⁵ IDEM, p. 85.

⁹⁶ Com o episódio dos torpedeamentos aos navios brasileiros na costa entre Sergipe e Bahia, os administradores do *Cine São Francisco* foram acusados de colaborarem com os alemães. Afirmou-se que durante os blackouts, feixes de luzes, dos projetores cinematográficos, saíram do alto da colina em direção ao mar e que serviram de sinais para os alemães atacarem. Cf.: MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Crstóvão, Editora UFS, 2013, p. 24.

Segundo Andreza Maynard, a estrutura destes cinemas não acomodava telas tão largas e, ainda nos anos 1940, não havia sido feita uma dissociação entre a tela de exibição dos filmes e o palco de apresentações teatrais⁹⁷. Maynard observa também que durante o período da Segunda Guerra Mundial, as reformas nos cinemas aracajuanos eram bastantes modestas. O *Cine Rio Branco*, por exemplo, foi reaberto em janeiro de 1940 após uma reforma⁹⁸. Já o *Cine Guarany* buscava modernizar-se ainda mais a partir da obtenção de novos equipamentos, como o “Cinema Portátil”, que servia para que fossem realizadas exibições de filmes nos mais variados locais, a exemplo de praças públicas e em casas particulares⁹⁹.

Apesar de suas limitações estruturais, se comparado aos grandes cinemas, e aos recorrentes problemas de comportamento de parte do público, os cines aracajuanos, além de servirem como uma das principais formas de entretenimento, atuaram de forma significativa durante a II Guerra. Isso porque, ao longo do conflito, estes espaços serviram para que a população se informasse sobre o que havia de novo no Brasil e no Mundo.

Como salientado por Andreza Maynard, a maior parte dos sergipanos formulavam suas opiniões sobre a guerra baseados nas informações obtidas nos programas de rádio, nos jornais de guerra e nos filmes exibidos à época¹⁰⁰. Esta mesma historiadora destaca ainda que devido à sua linguagem e aos preços acessíveis dos bilhetes, esta ferramenta tornou-se um veículo indispensável para atualizar a população sobre o que ocorria nas películas e fora delas¹⁰¹.

Neste sentido, após o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, em março de 1942, e posteriormente com a entrada do país na Guerra, a partir dos torpedeamentos ocorridos em agosto do mesmo ano aos navios mercantes entre a costa de Sergipe e Bahia, os aracajuanos passaram a observar o conflito sob o ponto de vista norte-americano.

Os cinemas de Aracaju passaram a conter em sua programação diária cinejornais, exibidos antes das películas principais, contendo informações sobre o conflito mundial, filmes de guerra e, em especial, os filmes antinazistas. Desta forma, a população aracajuana, ainda impactada e revoltada diante da agressão sofrida em seu território, passou a conhecer os então inimigos nazistas a partir das produções hollywoodianas.

⁹⁷ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 91.

⁹⁸ CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 27 Jan 1940, p. 2.

⁹⁹ CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 27 Dez 1944, p.3.

¹⁰⁰ MARNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. **Dias de Luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Editora Multifoco, 2011, p. 41.

¹⁰¹ IDEM, p. 43.

Neste contexto, os jornais impressos desempenharam um papel de grande relevância, na medida em que eram os responsáveis pela divulgação diária da programação dos cinemas da capital. De acordo com Alexandre Busko Valim¹⁰², os públicos escolhem os filmes pelas representações em revistas, televisão, jornais, conversas e outros contatos sociais. Em Sergipe, de forma particular, além da divulgação da exibição dos filmes antinazistas, havia também um esforço por parte dos jornais em propagandear estas produções, alertando aos sergipanos sobre a importância de prestigiá-las.

3.3. A divulgação dos filmes antinazistas nos jornais de Sergipe (1942-1945)

A imprensa sergipana, assim como a de outras localidades do país, estava submetida ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e ao Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), órgãos reguladores de tudo o que era divulgado tanto nos jornais como em outros veículos de informação ou entretenimento (revistas, cinema, rádio e teatro).

Conforme Tânia Regina de Luca, a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público¹⁰³. Ademais, de acordo com Nilson Lage, a decisão sobre o que vai ser publicado se orienta ora por leis de mercado, ora por conveniências que traduzem o jogo dos grupos de pressão ou entidades abstratas como interesse nacional¹⁰⁴. Logo, em Sergipe, as informações dignas de chegarem à população dependia dos interesses diretos do Estado Novo¹⁰⁵. Com isto, após a saída do Brasil da condição de neutralidade com relação à II Guerra, e com o alinhamento definitivo aos Aliados, os filmes antinazistas produzidos nos Estados Unidos passaram a ser exibidos em Aracaju e a receber um destaque nos jornais sergipanos.

Neste sentido, De Luca alerta para o fato de que é preciso estar atento ao nível de destaque conferido a determinados acontecimentos, assim como para o local em que se deu a publicação¹⁰⁶.

¹⁰² VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 287.

¹⁰³ LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 139.

¹⁰⁴ LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 15.

¹⁰⁵ De acordo com Tânia Regina de Luca, tentava-se tanto cercar a divulgação daquilo que fosse de interesse do poder quanto enfatizar as realizações do regime e sua adequação à realidade nacional, sem se descuidar da promoção pessoal e política do chefe do governo. Cf.: LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In.: LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 149-175.

¹⁰⁶ LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 140.

A partir disto, é importante salientar que tais películas, confeccionadas sob o ponto vista norte-americano, estavam sendo veiculadas nos cinemas da capital de um estado cuja população viu e sentiu de maneira explícita os efeitos da Segunda Guerra Mundial, para um povo que ainda estava assustado, abalado e revoltado com as agressões sofridas.

Entre os anos de 1942 a 1945, os principais jornais que realizavam diariamente suas publicações e atualizavam os sergipanos acerca dos acontecimentos locais, nacionais e internacionais eram o *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal*, *Folha da Manhã*, *A Cruzada* e *O Nordeste*¹⁰⁷.

Fundando no ano de 1906, o *Correio de Aracaju* se intitulava como sendo “O Diário mais antigo do Estado”. Suas oficinas e sua redação localizavam-se na Avenida Rio Branco, nº 34. O jornal vespertino, que tinha como diretor Luiz Garcia, fazia publicações de segunda-feira a sábado. Para ter acesso aos números do *Correio de Aracaju*, o leitor tinha como opções adquiri-los por meio de uma assinatura anual (Cr\$ 70,00); semestral (Cr\$ 35,00); trimestral (Cr\$ 20,00); ou mensal (Cr\$ 7,00); ou poderia optar por números avulsos (Cr\$ 0,30); e números atrasados (Cr\$ 0,50). No que diz respeito à estrutura¹⁰⁸, o periódico dedicava sua primeira página às grandes manchetes sobre os principais acontecimentos da Guerra; na página dois era possível encontrar propaganda de produtos e serviços, bem como informações de utilidade pública, a exemplo dos horários dos trens de circulavam no estado, além de telefones de urgência; as páginas três e quatro eram utilizadas para divulgar notícias esportivas, locais e sobre a vida social em Sergipe, e a programação dos principais cinemas aracajuanos. No espaço dedicado aos cinemas, é possível encontrar também, esporadicamente, algumas informações sobre os bastidores da indústria cinematográfica hollywoodiana¹⁰⁹.

Concorrente direto do *Correio de Aracaju*, o *Sergipe Jornal*, fundado em 1920, se colocava no mercado como um “Órgão Independente e Noticioso”, além de declarar-se como o diário de maior circulação no estado, o que pode ser contestado, pois não há nenhum tipo de informação acerca da quantidade de assinantes e compradores dos números publicados nem por

¹⁰⁷ O periódico *O Nordeste* não será utilizado neste capítulo. Isto se dá em decorrência das limitações de acesso a seu acervo, que só está disponível até o primeiro semestre do ano de 1942 e, desta forma, não oferece nenhuma informação acerca da divulgação dos filmes antinazistas nos cinemas de Sergipe.

¹⁰⁸ É importante destacar que há uma imprecisão acerca do número de páginas das publicações efetuadas tanto pelo *Correio de Aracaju* como pelos outros jornais. Isso ocorre devido à dificuldade de acesso a estas fontes em sua integridade original nos arquivos. Assim, optamos por detalhar as quatro primeiras páginas, que é o número dos quais dispomos na maioria dos periódicos consultados.

¹⁰⁹ No jornal de número 1.462, por exemplo, é informado ao público sobre a participação do ator Francis Lederer no filme *Confissões de Um Espião Nazista*, onde ele interpretaria um vilão. Cf.: CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 2 Dez 1939, p. 4.

este nem pelos outros jornais. Localizado na Rua de São Cristóvão, nº 181, igualava-se ao *Correio de Aracaju* quanto à sua periodicidade e aos valores cobrados pela sua assinatura. As semelhanças estendem-se no que tange aos conteúdos divulgados, assim como a forma como eram distribuídos e organizados. Ambos adotavam uma postura mais independente.

A *Folha da Manhã*, que tinha como diretor José Soares de Brito, estava sediada na Rua São Cristóvão, nº 164. Em 1942, o jornal se colocava como “Arauto do progresso de Sergipe”; nos anos seguintes não houve nenhum tipo de denominação. No período, o impresso custava Cr\$ 60,00 (anual); Cr\$ 35,00 (semestral); Cr\$ 6,00 (mensal); Cr\$ 0,30 (número avulso); e Cr\$ 0,50 (número atrasado). Assim como os anteriores, na *Folha da Manhã* as notícias sobre os últimos acontecimentos da Guerra dominavam a capa do jornal; a segunda página continha anúncios publicitários e textos autorais de variados assuntos; enquanto as páginas três e quatro traziam outras propagandas, além da divulgação da programação cinematográfica da cidade. De acordo com Andreza Maynard, apesar de não ser oficialmente um órgão da Igreja Católica, a *Folha da Manhã* deixava transparecer grande preocupação com os interesses dessa religião¹¹⁰, que tinha em Sergipe, sob sua administração, o jornal *A Cruzada*.

Sob direção do Cônego João Moreira de Lima, *A Cruzada* possuía suas oficinas e sua redação sediadas no Seminário Diocesano, e seus expedientes ocorriam das 8h às 12h no Edifício Pio XI. Os valores para a assinatura do jornal estavam abaixo dos outros periódicos, custando Cr\$ 20,00 (anual); Cr\$ 10,00 (semestral); Cr\$ 2,00 (primeira página); Cr\$ 1,50 (última página); e Cr\$ 1,00 (páginas de dentro). A estruturação dos conteúdos publicados também se diferenciava em alguns aspectos; na primeira página, por exemplo, as notícias sobre a Igreja Católica, incluindo seu envolvimento com a Guerra, exerciam grande domínio; neste momento os leitores também se deparavam com textos que faziam propaganda contra o comunismo¹¹¹. As duas páginas seguintes, assim como os demais, ofereciam anúncios publicitários; e, por fim, na página quatro, era possível encontrar a programação dos cinemas em Aracaju, com destaque ao *Cine Vitória* e ao *Cine São Francisco*.

¹¹⁰ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 134.

¹¹¹ Em uma de suas publicações, *A Cruzada* traz um texto intitulado “O Perigo Comunista”, de autoria de um jornal católico de Minas Gerais, que se referia ao comunismo, dentre outras coisas, como um regime que eliminava os inimigos como quem matava formigas, que negava todos os direitos da pessoa humana, que destruía a família e incorporava as crianças ao Estado desde o nascimento, e que perseguia a Religião. Cf.: *A CRUZADA*. Aracaju, 8 Jun 1945, p.1.

A partir do ano de 1942 estes quatro periódicos, ao divulgarem a programação dos cinemas na capital sergipana, passaram a dedicar conforme sua maneira e de acordo com suas particularidades, uma atenção especial quando anunciavam a exibição dos filmes antinazistas. “Os textos publicados pelos jornais apresentavam diferenças que levavam a refletir acerca do desejo de cada periódico em imprimir, em determinadas ocasiões, sua interpretação particular sobre o filme”¹¹². Assim, a primeira película antinazista anunciada nos impressos foi *Confissões de um espião nazista* (1939), que também foi a primeira a chegar em Sergipe.

Estreado no *Cine Rio Branco*, em *soirée*, o primeiro longa-metragem antinazista norte-americano foi divulgado pelo *Sergipe Jornal* de 09 a 16 de setembro de 1942, o que demonstra que se manteve em cartaz por, no mínimo, uma semana. O anúncio ocorreu também na *Folha da Manhã*¹¹³, onde a película teve mais destaque:

Que sabe você dos perigos que ameaçam o Brasil? Dos perigos que rondam o seu lar... e que ameaçam a sua segurança pessoal e a dos entes que são caros. Confissões de Um Espião Nazista, o filme que Hitler daria tudo para destruí, lhe explicará muita coisa que você ignora¹¹⁴.

Ao mesmo tempo em que comunica a exibição do longa, a *Folha da Manhã*, em um primeiro momento, promove uma indagação inquietante para seus leitores, na medida em que estes se deparavam com a associação do regime nazista a um perigo que ameaçava de forma direta a sua vida; ademais, a inserção do “lar” e dos “entes que são caros” coloca-se como uma tentativa de tocar no lado mais emocional destas pessoas. Todo este apelo foi feito, porém, para indicar que *Confissões de um espião nazista* não era uma simples película; ela era o meio pelo qual os sergipanos poderiam ficar cientes de coisas que eram ignoradas e, a partir disto, permanecerem mais atentos, a fim de evitar exposições aos perigos que rondavam suas vidas.

Após sua estreia, a produção da Warner Brothers continuou sendo apreciada pelo público, no *Cine São Francisco*. Assim, entre os dias 01 e 05 de outubro de 1943, a *Folha da Manhã* mais uma vez divulgava a película aos seus leitores

Hoje em *soirée* será extreada essa extraordinária produção que é a maior reportagem contra o bárbaro e desalmado nazismo. Um filme para o momento e que deve ser

¹¹² MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 112.

¹¹³ FOLHA DA MANHÃ. Aracaju, 11 Set 1942, p.3.

¹¹⁴ SERGIPE JORNAL. Aracaju, 9 Set 1939, p. 4.

assistido por todas as classes para de fato se conhecer a façanha covarde da Quinta Coluna¹¹⁵.

Nesta nova divulgação, continua claro o esforço do jornal em atacar e denunciar o regime liderado por Adolph Hitler, qualificado como “bárbaro” e “desalmado”, ao mesmo tempo em que aconselhava toda a população sergipana, independente de classe social, a assisti-lo. Diante disto, ao comparar os dois anúncios, é possível notar que, em ambos, *Confissões de um espião nazista* é apresentado como uma oportunidade para que o povo pudesse conhecer melhor os nazistas, afirmando que a fita recém-chegada à cidade trazia verdades sobre os inimigos pouco conhecidos e já abominados pelos aracajuanos¹¹⁶. Neste cenário, portanto, o filme, além de uma forma de entretenimento, assumia a função de servir como uma ferramenta informativa.

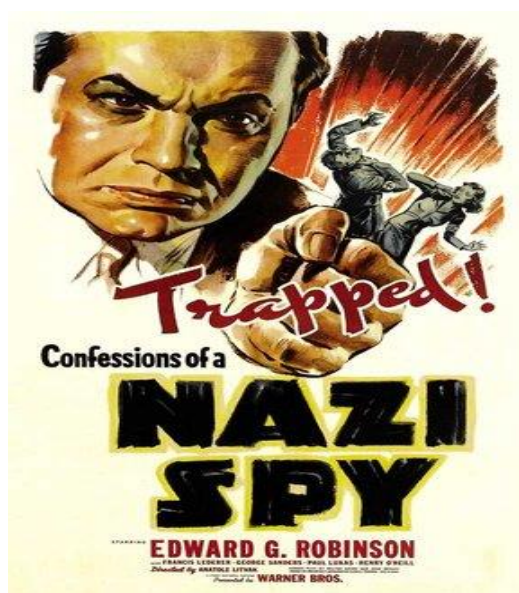


Figura 3: cartaz de divulgação do filme Confissões de um espião nazista (Warner Brothers/1939)

Fonte: < <https://filmow.com/confissoes-de-um-espiao-nazista-t68599/>>. Acesso em 5 Dez 2018.

Outro filme antinazista de grande importância para Hollywood que ganhou espaço na imprensa local foi *Tempestades D'Alma* (1940), exibido pela primeira vez em 28 de outubro de 1942 no *Cine Rex*. O drama produzido pela MGM foi divulgado no *Sergipe Jornal* no dia 31 de outubro, com o seguinte texto: “Continua com grande sucesso em exibição na nítida tela do Rex

¹¹⁵ FOLHA DA MANHÃ. Aracaju, 1 Out 1943, p. 3.

¹¹⁶ MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). *Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe*. São Cristóvão, Editora UFS, 2013, p. 117.

o magnífico filme anti-nazista que tem revolucionado todas as plateias por onde tem sido exibido”. Em março de 1944 a película foi reexibida no mesmo estabelecimento e, novamente, o *Sergipe Jornal* a anunciou

Este cinema apresente hoje ao distinto publico de Aracaju este extraordinário filme da Metro, que é a história vibrante de sessenta milhões de pessoas systematisada nas vidas dramáticas de sete criaturas destemerosas e felizes, arrastadas pelo vendaval de intrigas e paixões. Um filme que deve ser visto não somente pelos olhos; mas sim, com todo coração¹¹⁷.

Além de informar a programação dos cinemas e, no primeiro caso, salientar um aspecto favorável do local de exibição¹¹⁸ (a tela nítida), os impressos sergipanos davam uma atenção especial aos filmes antinazistas hollywoodianos, na tentativa de promovê-los aos telespectadores. Desse modo, adjetivos positivos são sempre empregados pelos jornais para se referir a estas películas; *Tempestades D’Alma*, por exemplo, é denominado como “magnífico” e “extraordinário”. Uma outra estratégia adotada para realizar a divulgação era elaborar um breve resumo da trama, enfatizando seus pontos mais marcantes, como pode ser observado no segundo anúncio do filme na MGM. Segundo Andreza Maynard estes resumos eram enviados pelo cinema responsável pela exibição da película; assim, a autora ressalta que as informações contidas nestes anúncios não eram apresentadas de forma desinteressada¹¹⁹.

¹¹⁷ SERGIPE JORNAL. Aracaju, 16 Mar 1944, p. 4.

¹¹⁸ Segundo Andreza Maynard, nas décadas de 30 e 40, era comum que os periódicos registrassem as condições de funcionamento das salas de exibição. Cf.: MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 79.

¹¹⁹ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 112.



Figura 4cartaz de divulgação do filme Tempestades D'Alma (Metro-Goldwyn-Mayer/1940)

Fonte: <<https://filmow.com/tempestades-d-alma-t12754/>>. Acesso em 5 Dez 2018.

Considerado um clássico do cinema mundial e um dos filmes antinazistas de maior repercussão no período em que foi lançado¹²⁰, *O Grande Ditador* também foi um dos mais aguardados em Sergipe. Prova disso é que o *Sergipe Jornal*, entre os dias 02 e 05 de dezembro de 1942, já anunciava à população a data de estreia da película, que ocorreu em no dia 09¹²¹, em *soirée*, no *Cine Guarany*.

Definido como “magnífico”, a sátira a Hitler e ao regime nazista era divulgada no periódico como “uma mensagem de esperança aos povos escravizados do mundo!”. Além disso, o *Sergipe Jornal* enfatizava que a produção norte-americana se tratava de um embate entre “Carlittos¹²², o comico favorito das multidões contra o maior inimigo da humanidade!”.

Além da expectativa e do entusiasmo verificado na divulgação de *O Grande Ditador*, a conduta adotada pelo jornal em criar um clima de conflito entre o bem (Carlittos) e o mal (Hitler), coloca o filme antinazista na condição de um recurso de combate ao regime do Terceiro Reich e

¹²⁰ Em 1941 *O Grande Ditador* foi indicado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, responsável pela premiação do Oscar, na categoria de melhor filme e Charles Chaplin na categoria de melhores astros de 1940. No Brasil, o filme foi avaliado por *A Cena Muda*, uma das maiores revistas especializadas em assuntos cinematográficos do país, como sendo “ótimo”, a cotação máxima que era estabelecida; além disso foi considerado o segundo melhor filme de 1942. Cf.: *A CENA MUDA*. Rio de Janeiro, n. 1116, Ago 1942, p. 20.

¹²¹ A exibição da película no *Cine Guarany* foi divulgada pelo *Sergipe Jornal* de 09 a 14 de dezembro de 1942.

¹²² Carlitos ou “O Vagabundo” (*The Tramp*), foi o personagem que mais marcou a carreira de Charles Chaplin. Tratava-se um andarilho pobre com as maneiras refinadas e a dignidade de um cavalheiro, vestido com um casaco esgarçado, calças e sapatos desgastados e mais largos que o seu número, um chapéu coco, uma bengala e seu marcante bigode. Cf.: FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Charles Chaplin*. eBiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/charles_chaplin/>. Acesso em: 14 Jan 2019.

às atitudes cometidas pelo seu líder e seguidores. Conforme Wagner Pereira, durante a Segunda Guerra Mundial o cinema era uma poderosa arma de propaganda¹²³.

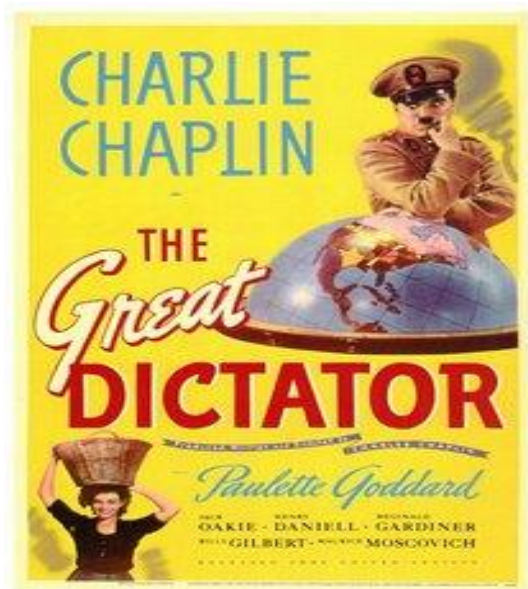


Figura 5: cartaz de divulgação do filme O Grande Ditador (United Artists/1940)

Fonte: <<https://filmow.com/o-grande-ditador-t3129/>>. Acesso em 5 Dez 2018.

Hoje em soirée, este cinema apresenta uma soberba produção da Nova Universal, com interpretação magistral de Elisabeth Rergner, Randolph Scott e Basil Rathbone. Junho de 1940... as hordas inimigas avançavam inexploravelmente sobre Paris! A França está caindo! A França morre! No inferno da guerra, uma mulher vivia só para o divertimento... Nasce de novo e se revela um anjo de caridade... O drama de um povo valente... de homens e mulheres que morrem...para que a França viva! “Paris Está Chamando”, o primeiro film atual na França!¹²⁴.

É neste tom de drama que o longa-metragem *Paris Está Chamando*, estreado no *Cine Guarany*, foi divulgado pelo *Sergipe Jornal* entre os dias 20 e 23 de janeiro de 1943. Enfatizando e elogiando a atuação dos protagonistas, o impresso faz questão de valorizar no texto a bravura do povo francês, além de salientar que esta era a primeira produção hollywoodiana que abordava a situação vivenciada na França, um dos países aliados, invadido pelas tropas nazista em maio de 1940.

A exibição da película continuou sendo anunciada no jornal durante os dias 25 e 26 de janeiro, desta vez, sendo destacado apenas o nome dos protagonistas. “O encurtamento da sessão que trazia a programação dos cinemas podia ocorrer em virtude de um filme não ter sido

¹²³PEREIRA, Wagner Pinheiro. O arsenal da democracia: Hollywood e a Segunda Guerra Mundial. In.: **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolph Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Editora Alameda, 2012, p. 609-645.

¹²⁴ SERGIPE JORNAL. Aracaju, 20 Jan 1943, p.4

considerado importante, quando o jornal anunciante não recebia por essa publicidade, ou mesmo diante da necessidade de economizar espaço em virtude da falta de papel durante a Guerra”¹²⁵.

Assim como o *Sergipe Jornal*, o *Correio de Aracaju* também informou à população, entre os dias 20 e 26 de janeiro, sobre a projeção de *Paris Está Chamando* no *Cine Guarany*; na publicação do dia 21, porém, há um diferencial com relação às divulgações dos outros filmes denominados antinazista. Isso porque, além das informações básicas, como local e horário de exibição, o impresso inseriu no anúncio um cartaz da película, que trazia a seguinte legenda: “O primeiro filme da vida atual na França ...”¹²⁶.

A prática de inserir cartazes dos filmes aos divulga-los não era um hábito comum nos jornais sergipanos, pelo menos no que diz respeito às produções antinazistas norte-americanas. O interesse maior por parte destes órgãos para chamar a atenção da população recaía no investimento em textos mais enérgicos.



Figura 6: cartaz de divulgação do filme *Paris Está Chamando* (Universal Pictures/1941)

Fonte: <<https://filmow.com/paris-esta-chamando-t216483/>>. Acesso em 6 Dez 2018.

No mês dos festejos carnavalescos, *O Homem que quis matar* inaugurou no *Cine Rio Branco*. A divulgação, realizada pelo *Sergipe Jornal*, nas publicações dos dias 04, 05 e 06, trazia a seguinte notícia:

¹²⁵ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 112.

¹²⁶ CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 21 Jan 1943, p. 4.

A empresa Rio Branco, tem a honra de apresentar aos seus frequentadores a maior e melhor produção antinazista, o film que encerra um tremendo libelo contra a ferocidade da Gestapo e o sonho de Hitler de dominar o mundo. E' um film perfeito sem falha que interessa o espectador de cena por cena até a causa final. Uma interpretação perfeita de Walter Pidgeon, Joan Bennett e George Sanders. Não deixem de assistir "o Homem Que Quis Matar Hitler" que a mais lidima historia filmada contra o nazismo¹²⁷.

Teria sido *O Homem que quis matar Hitler* o “maior” e “melhor” filme antinazista produzido por Hollywood no período da Segunda Guerra? É perceptível que há um exagero no texto que anunciou tal película, efetuado propositalmente a fim de despertar a vontade dos sergipanos em assistir uma produção “perfeita”, com “interpretações perfeitas”, afirmações que também podem ser contestadas, baseado principalmente no julgamento da crítica especializada da revista *A Cena Muda*¹²⁸. Além disso, há uma preocupação por parte da publicação em deixar claro aos espectadores se trata de um filme que lhes interessa, demonstrando mais uma vez a atenção dada pelos jornais em sugerir as produções antinazistas não apenas como um entretenimento, mas também como uma ferramenta capaz de esclarecer o regime nazista e os perigos que ele representava.

A exibição da película no *Cine Rio Branco* também ganhou destaque nos anúncios efetuados pelo *Correio de Aracaju* entre os dias 03 e 08 de fevereiro. O mesmo jornal igualmente informou, de 18 a 26 de novembro, que o filme seria reexibido, desta vez no *Cine Vitória*.

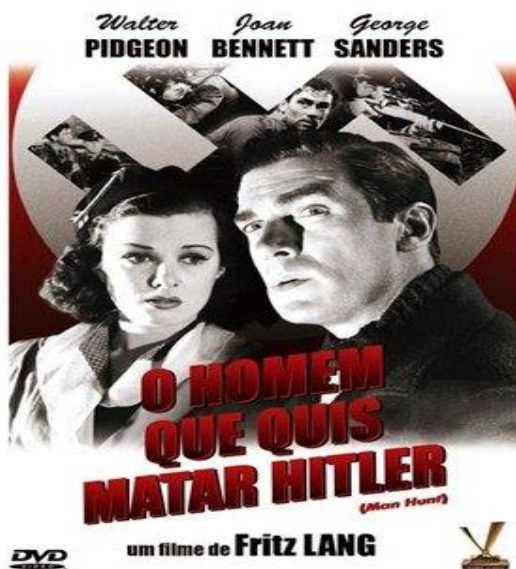


Figura 7: cartaz de divulgação do filme O Homem que quis matar Hitler (20th Century-Fox/1940)

Fonte: <<https://filmow.com/o-homem-que-quis-matar-hitler-t5666/>>. Acesso em 6 Dez. 2018.

¹²⁷ SERGIPE JORNAL. Aracaju, 4 Feb 1943, p. 3.

¹²⁸ O homem que quis matar Hitler não foi tão bem avaliado pela crítica de *A Cena Muda*, que o considerou como contendo alguns absurdos. Cf.: A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 1117, Ago 1942, p. 20.

No terceiro mês de 1943, o público dos cinemas em Aracaju pôde apreciar em *matinée* e em *soirée*, no *Cine Rio Branco*, mais uma produção norte-americana que propaganda contrária ao nazismo. Assim, *Casei-me com um nazista* foi divulgada pelo *Sergipe Jornal*, entre os dias 16 e 20 como

uma curiosa historia de uma jovem americana, habituada a vida feliz de seu paiz, que se casa com um alemão e vem mais tarde a sofrer as consequencias da alucinação nazista do marido. A ação deste grande drama tem inicio em 1928 em New York e as demais sequencias em Berlim onde o alemão se transforma num fervoroso adepto de Hitler desprezando a esposa¹²⁹.

Este é um anúncio que traz pouco julgamento e opinião, que cederam espaço a um resumo da trama. A partir dele, os leitores poderiam chegar a algumas conclusões importantes quando se tratava de um filme antinazista norte-americano: 1) os Estados Unidos da América era um país que, diferente da Alemanha nazista, oferecia oportunidades para que seu povo tivesse uma vida feliz; 2) as práticas e as ideias defendidas pelo regime nazista são encaradas como alucinações; 3) os nazistas são pessoas que, ao adentrar no regime, desprezam a família e as pessoas ao seu redor¹³⁰.

No dia 22 de março, o *Sergipe Jornal* informava que a película seria exibida pela última vez em *matinée* popular. Outro periódico, o *Correio de Aracaju*, também comunicou, dos dias 16 a 22, a veiculação do filme no cinema *Rio Branco*.

¹²⁹ SERGIPE JORNAL. Aracaju, 16 Mar, p. 4.

¹³⁰ Além destas, outras características se faziam presentes nos filmes antinazistas. Desta forma, em 1942, foi imposto à Indústria fílmica um Manual que buscava orientar a produção de filmes, de maneira que eles ajudassem os Estados Unidos a vencer a guerra. Dentre as exigências, as películas deveriam criar uma imagem positiva da América e dos seus aliados, traço que pode ser encontrado em *Casei-me com um nazista*. Sobre isto ver: CRUZ, Andreza Santos. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Orgs.). **Visões do Mundo Contemporâneo** vol. 2. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013. 101-118.



Figura 8: cartaz de divulgação do filme Casei-me com um nazista (20th Century-Fox/1940)

Fonte: <[http://www.interfilmes.com/filme_228131_Casei.me.com.um.Nazista-\(The.Man.I.Married\).html](http://www.interfilmes.com/filme_228131_Casei.me.com.um.Nazista-(The.Man.I.Married).html)>. Acesso em 7 Dez. 2018.

Em abril de 1943 o filme antinazista anunciado nos jornais do estado foi *Quatro Filhos*, exibido no *Cine Rio Branco*. O *Correio de Aracaju*, por exemplo, ofereceu espaço para a divulgação da produção entre os dias 07 e 13, com a seguinte publicação: “Uma história tocante na sua simplicidade e emocionante na realidade de suas cenas!” “Mais um brado de protesto contra a doutrina hitlerista”. Já nos dias 18 e 20 de dezembro o longa foi anunciado em exibição no *Cine Vitória*. No *Sergipe Jornal*, a película foi comunicada de 09/04 a 13/04, com uma riqueza maior de detalhes:

Dom Ameche, Alan Curtiss, Mary Hughs, Janete Lookhood, são os criadores deste pungente drama da invasão da Tchecoslovaquia no atual conflito mundial. Uma historia verdadeira de argumento tocante na sua simplicidade e emocionante na realidade de suas cenas. Mais um brado de protesto contra doutrina hitlerista. Venham ver como um regime condenavel transforma quatro irmãos em quatro inimigos rancorosos e irreconciliaveis. QUATRO FILHOS, drama, ação, amor e sofrimento. QUATRO FILHOS, grande como o coração da humanidade¹³¹.

Igualmente ao que foi feito em *Casei-me com um nazista*, ao divulgar *Quatro Filhos* o *Sergipe Jornal* destaca como o regime nazista, visto como condenável, causa a destruição de laços familiares, desta vez entre irmão. Outro aspecto relevante neste anúncio é a ênfase dada ao título do filme, inserido em dois momentos e com letras maiúsculas. Ademais, o periódico frisa que se trata de mais uma produção, dos aliados americanos, que objetiva o combate do regime comandado por Adolph Hitler.

¹³¹ SERGIPE JORNAL. Aracaju, 9 Abr 1943, p. 4.



Figura 9: cartaz de divulgação do filme Quatro Filhos (20th Century-Fox/1940)

Fonte: <[http://www.interfilmes.com/filme_241181_Quatro.Filhos-\(Four.Sons\).html](http://www.interfilmes.com/filme_241181_Quatro.Filhos-(Four.Sons).html)>. Acesso em 7 Dez 2018.

E as luzes brilharão outra vez (1942), transmitido pela primeira vez em 24 de outubro de 1943 no *Cine Vitória*, foi divulgado duas vezes, nas publicações dos dias 26 e 27 de outubro da *Folha da Manhã*. Sua reexibição ocorreu no *Cine São Francisco* e foi informada pelo *Correio de Aracaju*, entre 08 e 17 de abril de 1944. Diferente dos demais, este filme antinazista, ao ser divulgado, não recebeu tanta notoriedade. Em alguns casos o jornal poderia publicar o anúncio de forma sucinta, informando apenas o título do filme e o turno em que seria exibido¹³².

¹³² MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 112.



Figura 10: cartaz de divulgação do filme E as luzes brilharão outra vez ou Joana de Paris (RKO /1942)

Fonte: <<https://filmow.com/e-as-luzes-brilharao-outra-vez-t103248/>>. Acesso em 8 Dez 2018.

Noites sem lua (1943), lançado em março de 1943, só chegou em Sergipe em novembro daquele ano; sua estreia ocorreu no dia 28, no *Cine Rio Branco*. Quando reexibida, no dia 21 de dezembro daquele ano, pelo mesmo cinema, o *Correio de Aracaju*, ao divulgá-la, incorporou no texto frases como: “Muito tempo depois de silenciarem os canhões V. ainda se recordará deste romance imenso.”; “Na paz ou na guerra ainda não surgiu um filme que tanto sensibilizasse o coração da humanidade.”; e “Noite sem lua”, um tremendo libelo contra o nazismo”.

O anúncio traz um julgamento positivo¹³³ e intenso ao tecer afirmações acerca da produção antinazista, recorrendo principalmente ao lado mais emotivo. A película também chamou atenção da revista *A Cena Muda*, que dedicou espaço em cinco de suas publicações¹³⁴, no ano de 1943, para narrar aos seus leitores o enredo do filme.

¹³³ Esse tipo de avaliação, fosse positiva ou negativa, geralmente estava inserida no resumo do filme. Ainda, havia a atribuição de um juízo de valor sobre a película e o oferecimento, aos frequentadores dos cinemas, de um veredito sobre a vantagem de se dirigir a uma das casas exibidoras.

¹³⁴ A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 35, Ago 1943, p. 7, 31-34; A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 36, Set 1943, p. 33 e 34; A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 3, Set 1943, p. 22.; A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 38, Set 1943, p. 24; A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 40, Out 1943, p. 38. A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 41, Out 1943, p. 3.



Figura 11: cartaz de divulgação do filme Noites sem lua (20th Century-Fox/1943)

Fonte: <<http://www.cinemasonhoesaudade.com.br/filme/index/1746/noite-sem-lua>>. Acesso em 8 Dez 2018.

Com grande entusiasmo por parte da imprensa local, o filme *Fuga* foi anunciado para o público cinematográfico em Sergipe. A *Folha da Manhã*, nos dias 01, 02, 03 e 04 de dezembro informava aos seus leitores que o *Cine Rex*

Apresenta hoje a maior película anti-Nazista até hoje filmada “FUGA” um filme diferente, Intenso, Impressivo, sufocante com Robert Taylor, Norma Sherer, Conrad Veidt, vivendo uma historia tão sensacional como as manchetes da guerra! Românticas aventuras incendiando os corações de seus personagens, partilhando agora conosco os seus segredos, fazendo desta obra prima a mais falada de todas as películas no gênero¹³⁵.

O comunicado de que se tratava da maior película antinazista até então filmada também esteve presente na divulgação feita pelo *Correio de Aracaju*, nos dias 01 e 03 de dezembro, e do *Sergipe Jornal*, entre os dias 01 e 06 do mesmo mês. Provavelmente esta informação foi concedida pelo *Cine Rex*.

É preciso atentar-se ao fato de que, neste momento, as produções antinazistas norte-americanas já não eram mais uma novidade entre o público de Sergipe. Outras películas já haviam sido estreadas nos cinemas da capital; logo, era preciso que as divulgações das que ainda estavam chegando, como foi o caso de *Fuga*, despertassem o interesse dos espectadores. Com isto, é preciso colocar em dúvida a afirmação presente nos jornais de que esta era a maior película antinazista até então filmada. É válido também ressaltar, neste cenário, que o estabelecimento

¹³⁵ FOLHA DA MANHÃ. Aracaju, 1 Dez 1943, p. 4.

responsável pela veiculação do filme precisava de alguma forma empolgar os frequentadores, a fim de atraí-los.



Figura 12: cartaz de divulgação do filme Fuga (Metro-Goldyn-Mayer/1940)

Fonte: <<https://filmow.com/fuga-t57472/>>. Acesso em 9 Dez 2018.

O primeiro filme antinazista exibido em Sergipe no ano de 1944 foi *Os filhos de Hitler*, que estreou em 23 de março no *Cine Vitória*. Assim que foi lançada pela RKO, em janeiro de 1943, a película não demorou a chegar ao Brasil, sendo veiculada pela primeira vez em maio do mesmo nos cinemas cariocas. Em Sergipe, porém, como é possível perceber nesta e em outras produções, os longas hollywoodianos demoravam um pouco mais a regressar. De acordo com Andreza Maynard, havia uma considerável distância nas datas de estreia dos filmes nos Estados Unidos, no Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) e em Aracaju¹³⁶. A divulgação foi feita pelo *Correio de Aracaju* entre os dias 20 e 28.

¹³⁶ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 187.



Figura 13: cartaz de divulgação do filme Os filhos de Hitler (RKO/ 1943)

Fonte: <<http://www.acontececuritiba.com.br/n/paulo-wainberg/5698-pale>>. Acesso em 10 Dez 2018.

Contando a história de um grupo teatral polonês que resistiu à invasão dos nazistas, *Ser ou não Ser* chegou ao *Cine Vitória* em 30 de abril de 1944 e foi divulgado pela *Folha da Manhã* com o seguinte texto:

Alexandre Korda, o produtor de sucessos como “Irmãos Corsos” e “Menino Lobo”, por intermedio da United Artists, apresenta hoje em elegantíssima “première” de gala no Vitória o extraordinario filme que o famoso Lubitsch escreveu e dirigiu: “Ser ou não ser”. Este extraordinario filme tem como protagonista a grande estrela que morreu a serviço da Patria CAROLE LOMBARD. Este é o seu último trabalho, razão logica porque todo mundo quer assistir este filme que diverte, ensina e contenta: SER OU NÃO SER¹³⁷.

A película foi reexibida no *Cine São Francisco* e foi anunciada no *Correio de Aracaju* entre os dias 18 de setembro e 13 de outubro. Além de ter como diretor Ernest Lubitsch¹³⁸, este foi o último filme da famosa atriz hollywoodiana Carole Lombard, que, como destacado no anúncio, morreu a serviço de sua pátria¹³⁹. A última atuação de Lombard, inclusive, é colocada como a principal razão para que o público desejasse assistir à película. Estes são os principais

¹³⁷ FOLHHA DA MANHÃ. Aracaju, 30 Abr 1944, p.3.

¹³⁸ Alemão, Lubitsch era considerado o maior e mais inteligente diretor de comédias espirituais em Hollywood. Além de *Ser ou Não Ser*, uma outra produção de grande sucesso do diretor foi *Ninotchka*. Para saber mais: A CENA MUDA. Rio de Janeiro, n. 8, Fev 1943, p. 10.

¹³⁹ A atriz, que estava acompanhada de sua mãe, voltava de uma excursão do Estado de Indiana, local de seu nascimento, onde foi a serviço da Pátria, ajudar a vender títulos da Defesa Nacional. O avião onde estava caiu e incendiou próximo a Las Vegas, na região montanhosa do deserto de Bordan. Cf.: CINEARTE. Rio de Janeiro, n.556, Fev 1942, p. 12 e 44.

pontos que justificam o empenho da imprensa ao divulgar *Ser ou Não*, pelo menos quando exibida no *Cine Vitória*. Outro periódico que também divulgou tal produção foi *A Cruzada*

(Domingo, 30, em première) Com Carole Lombard, produção de Alexandre Korda e direção do famoso Ernst Lubitsch. Não percam domingo: “Ser ou não ser”, um filme extraordinário. Ser ou não ser é uma sátira tremenda aos homens “impolutos” da Gestapo ao mesmo tempo que exalta quase que até à vibração o patriotismo dos filhos da Polônia. E’ uma comédia que diverte e muito ensina. E’ uma fita que não nos faz sair do cinema mal satisfeitos. Cotação: Aceitável para adultos¹⁴⁰.

Assim como feito pela *Folha da Manhã*, *A Cruzada* realça a participação de Alexandre Korda (produtor), Ernest Lubtschi (diretor) e Carole Lombard (protagonista) no filme, e tece elogios a esta produção, como observado em outros casos. Este jornal, porém, diferente dos demais, colocava na divulgação uma cotação onde estabelecia o público que poderia assistir à película. Isso ocorria pois o periódico era administrado por representantes da Igreja Católica, que baseavam esta cotação em preceitos religiosos.

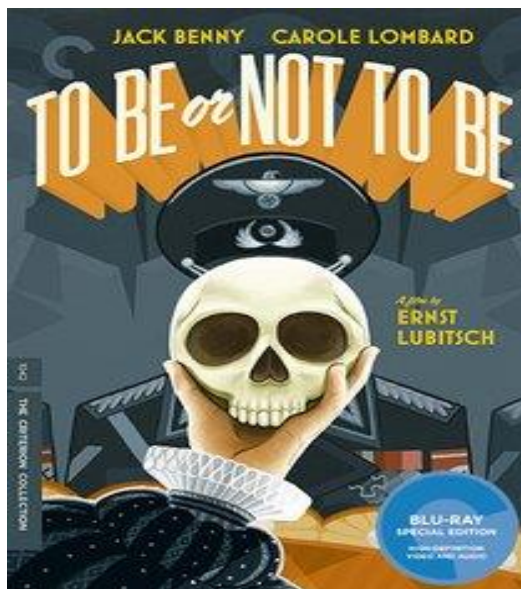


Figura 14: cartaz de divulgação do filme Ser ou Não Ser (United Artists/1942)

Fonte: <<https://filmow.com/ser-ou-nao-ser-t3513/>>. Acesso em 10 dez 2018.

O último filme antinazista norte-americano exibido em Sergipe durante o período da Guerra foi *Casablanca*. Sua estreia ocorreu no *Cine Rio Branco* em 27 de março de 1945, quando foi anunciado pelo *Sergipe Jornal* e pelo *Correio de Aracaju*, da seguinte forma: “Hoje e por toda a semana “CASABLANCA”, com Humprey Bogart e Ingrid Bergman”.

¹⁴⁰ A CRUZADA. Aracaju, 23 Abr 1944, p. 4.

Apesar de seu grande sucesso no meio cinematográfico e de sua boa repercussão perante a crítica e o público brasileiro, o clássico antinazista, exibido no principal cinema do Estado, não teve uma divulgação de destaque na imprensa. Conforme Andreza Maynard, o anúncio da programação dos cinemas transmitia a informação sobre os filmes em exibição levando em conta o momento em que estes chegavam à cidade¹⁴¹. Neste sentido, é importante salientar que o longa-metragem demorou muito a chegar em Aracaju, e naquele momento a Guerra já estava chegando ao fim e o regime nazista já havia sido praticamente derrotado. Logo, não havia mais a necessidade de se empenhar tanto para comunicar à população sobre a exibição desta produção antinazista.



Figura 15: cartaz de divulgação do filme Casablanca (Warner Brothers/1942)

Fonte: <<https://filmow.com/casablanca-t4620/>>. Acesso em 10 Dez 2018.

Após análise das divulgações destes doze filmes antinazistas, é possível perceber de forma mais nítida o interesse dos quatro jornais em despertar no público cinematográfico sergipano a vontade de ir aos cinemas prestigiar tais produções. Com exceção de *O Grande Ditador* e *Paris Está Chamando*, nenhum dos outros tiveram seus cartazes de divulgação colocados nos anúncios; na maioria dos casos, as semelhanças se dão por meio da inserção de detalhes mais técnicos, como dia, local e horário de exibição; de resumos da trama, destacando geralmente a atuação dos protagonistas; além de julgamentos, sempre negativos com relação ao

¹⁴¹ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 112.

nazismo e positivos acerca dos filmes, tratados como entretenimento mas também como um meio pelo qual as pessoas poderiam conhecer o inimigo nazista e seus perigos. Assim, podemos concluir que os periódicos sergipanos promoveram uma forte mobilização na divulgação destes filmes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial foi um dos embates de maiores proporções já vividos pela humanidade; e para atender as necessidades que surgiram ao longo dos seis anos de luta, os países envolvidos, direta ou indiretamente, precisaram investir nos diferentes setores indispensáveis para o bom desempenho e, principalmente, para a vitória no conflito.

A partir disto, podemos considerar que um dos mais estratégicos campos de atuação foram os meios de comunicação em massa, em especial o rádio, o cinema e os jornais. Por meio do emprego destes era possível justificar e legitimar as ações praticadas, fazer propaganda contra os inimigos, além de incentivar a população para que esta colaborasse com o esforço necessário para o êxito na guerra.

Naquele contexto, o cinema dispunha de uma especificidade. Além das funções mencionadas, de caráter propagandístico, os filmes significaram uma forma de diversão para as pessoas em meio às dificuldades impostas pelo conflito. Com isto, valendo-se do fato de possuir a maior e mais poderosa indústria cinematográfica do mundo no período, os Estados Unidos não economizaram energias no que diz respeito ao uso da sétima arte para atender seus interesses econômicos e especialmente políticos.

Desta forma, Hollywood atuou de maneira intensa durante a II Guerra a fim de contribuir para o sucesso dos norte-americanos no conflito; isto ocorreu por meio do empenho dos artistas em se envolver de forma direta e indireta nas questões relacionadas à guerra, servindo assim como exemplo e inspiração à população; e por meio de produções fílmicas.

Dentre as películas produzidas pelos estúdios hollywoodianos durante a guerra, destacam-se as que ficaram conhecidas como antinazistas. Trata-se de uma tática, de cunho não apenas político, mas também pessoal, que teve como pontapé o filme *Confissões de um espião nazista*, lançado em 1939 pela Warner Brothers.

Os filmes antinazistas norte-americanos, como o próprio nome já sugere, desempenhavam uma forte propaganda contrária ao regime liderado por Adolph Hitler. Ao todo, mais de 15 longas-metragens foram confeccionados por Hollywood entre os anos de 1939 e 1945. Esta iniciativa tinha como principal objetivo mostrar, a partir do ponto de vista estadunidense, quem eram os nazistas.

Neste sentido, tais produções eram pensadas para serem vistas pelo maior número de pessoas possível. Assim, além de renderem lucros a Hollywood, os filmes antinazistas serviam como uma arma no combate à Alemanha nazista, inimiga dos EUA na Segunda Guerra Mundial.

Considerando o fato de, à época, representar o maior mercado consumidor dos filmes americanos e ser um país estratégico da América do Sul para o enfrentamento ao Eixo, o Brasil colocou-se como um importante aliado para os EUA. Dessa maneira, houve um esforço por parte de Hollywood, por meio da participação direta na Política Externa de Boa Vizinhança, para conquistar este apoio e afastar qualquer tipo de influência nazifascista no território brasileiro. Um dos produtos resultantes desta iniciativa foi o filme *Alô, Amigos!*, confeccionado por Walt Disney e que retrata a amizade e a solidariedade entre os dois países.

Esta aproximação levou, em 1942, ao fim da condição de neutralidade do Brasil na guerra. Após a agressão japonesa à base naval norte-americana de Pearl Harbor, estopim para a entrada dos EUA no conflito, o governo decidiu romper as relações diplomáticas que possuía com o Eixo. Tal situação ocasionou, no mesmo ano, a liberação dos filmes antinazistas hollywoodianos, antes censurados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), aos cinemas brasileiros.

Além disso, este corte de relações, especialmente com a Alemanha, fez com que em agosto de 1942 o país atacasse, através do submarino U-507, cinco embarcações brasileiras na costa entre os estados de Sergipe e da Bahia. A agressão sofrida em território nacional fez com que o governo estadonovista declarasse guerra ao Eixo e, assim, entrasse de vez no conflito.

A partir deste episódio, os filmes antinazistas passaram a desempenhar uma função ainda mais importante. Agora, além de trazer entretenimento, estas produções mostravam aos brasileiros quem eram seus inimigos e como eles agiam. Neste sentido, em Sergipe, que viu e sentiu de perto os efeitos da investida alemã, estas películas tiveram um maior destaque. No período o Estado levava uma vida calma e pacata, e não estava preparado para lidar com a situação que tiveram de enfrentar.

O primeiro filme antinazista a ser exibido nos cinemas de sua capital, Aracaju, foi *Confissões de um espião nazista*, que estreou em 9 de setembro de 1942 no *Cine Rio Branco*. Com isto, é preciso levar em conta que a população sergipana ainda estava abalada e revoltada com as consequências sofridas pela agressão dos nazistas.

Porém, para que as pessoas fossem assistir esta e outras películas, era preciso que elas fossem divulgadas. Esta função ficou a cargo dos jornais que veiculavam no Estado no período.

Mais que divulgar, estes periódicos se esforçaram para propagandear as produções antinazistas. É possível identificar nos anúncios um interesse por parte dos diferentes impressos, cada um à sua maneira e conforme suas particularidades, no sentido de incentivar os sergipanos a prestigiarem os longas hollywoodianos.

Além de ressaltar as qualidades dos filmes, os jornais apontavam como estes poderiam ajudar aos telespectadores a conhecerem melhor a natureza de seus agressores e suas formas de agir, bem como os perigos que eles ofereciam. Sendo assim, além de um momento de descontração, assistir as películas antinazistas servia como uma forma de se informar das ameaças impostas pelo nazismo. O fato de sentir os efeitos do conflito de maneira tão direta, certamente influenciou a forma como os jornais divulgaram os filmes antinazistas. Também é válido ressaltar que tais publicações estavam submetidas à censura imposta pelo DIP, que atuava no controle dos meios de comunicação no Estado Novo.

Portanto, é possível concluir de maneira geral que estes jornais, integrantes de uma rede de interesses que se acirraram durante a Segunda Guerra Mundial, foram peças fundamentais no esquema propagandístico montado para contribuir na derrota da Alemanha nazista, na medida em que ajudaram, por meio das divulgações, os filmes antinazistas norte-americanos a estabelecerem certo domínio na telas dos cinemas de Sergipe durante os anos de 1942 a 1945.

REFRÊNCIAS

Bibliográficas

- BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CATELLI, Rosana Elisa. A revista Cinearte e o projeto de modernização cultural pelo cinema. *ALCEU*, v. 13, p. 123 a 134, jul./dez. 2012.
- EVANS, Richard. A solução final. In.: **O terceiro reich em guerra: como os nazistas conduziu a Alemanha da conquista ao desastre (1939-1945)**. Tradução: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. São Paulo: Planeta, 2012, p. 255-327.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução Flavia Nascimento. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia Das Letras, 2008.
- KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-114.
- LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 149-175.
- MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013.
- _____. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Org.). **Visões do Mundo Contemporâneo vol. 2**. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013, v. 2, p. 101-117.
- _____. “A Segunda Guerra Mundial nas telas : análise de filmes no Nordeste brasileiro (1939-1945)”. *DIACRONIE* [Online], N° 17, 1, 2014.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.
- MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline Alencar; MAYNARD, Dilton C. S. (Orgs.). **Segunda Guerra: Histórias de Sergipe**. Recife: EDUPE, 2016.
- MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.
- MORAES, Isaias Albertin. Política e cinema na era da boa vizinhança (1933 – 1945). *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 1, p. 277 – 301, mar. 2015, p. 285.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. O arsenal da democracia: Hollywood e a Segunda Guerra Mundial. In.: **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolph Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Editora Alameda, 2012, p. 609-645.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. Tradução Marcelo Lino. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SABADIN, Celso. **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. Máquinas, massas, percepções e mentes. In.: **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 59-93.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; LAPSKY, Igor; LEÃO, Karl Schurster Sousa. **O Cinema vai à Guerra**. Rio de Janeiro: Elsevier – Campus, 2015.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 283-300.

Site

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Charles Chaplin. **eBiografia**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/charles_chaplin/>. Acesso em: 14 Jan 2019.

FONTES

Jornais

A CRUZADA. Aracaju, 1945.

CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 1942-1945.

FOLHA DA MANHÃ. Aracaju, 1942-1945.

O NORDESTE. Aracaju, 1942.

SERGIPE JORNAL. Aracaju, 1942-1945.

Revistas

A CENA MUDA. Rio de Janeiro, 1939-1945.

CINEARTE. Rio de Janeiro, 1939-1942.